



CONVERGÊNCIA

MARÇO 1968 - ANO 1 - Nº 2

SECULARIZAÇÃO



EDITORIAL



ABORDAR com serenidade e seriedade os problemas candentes dos cristãos de hoje é uma das opções básicas de CONVERGÊNCIA. Bem mais fácil e tranquilizante lhe seria tratar de questões pacíficas, de problemas resolvidos. Contudo, levar aos homens atuais uma palavra de explicação para as interrogações que os angustiam, fornecer-lhes subsídios para encontrarem a significação dos acontecimentos grandes e pequenos da História, é tarefa que exige reflexão e senso de responsabilidade assumida face a Deus.

OTEMA da *secularização* tornou-se o centro de debates de congressos e encontros de eminentes teólogos católicos e não católicos; professores dos IFTs e o Secretariado Nacional de Teologia o debatem em suas reuniões; revistas especializadas e uma farta literatura o estudam sob todos os ângulos; recentemente, em janeiro, o Secretariado-Geral do Episcopado francês divulgou um documento doutrinário sobre o assunto, para prevenir o impacto que poderá causar a tradução do livro de H. Cox.

OFATO aí está, à vista de todos. Inútil camuflá-lo ou fugir dele. CONVERGÊNCIA, neste número, leva os leitores a um primeiro contato: na seção *forum de debates* faz uma introdução serena e objetiva, sem esconder as interrogações e a inquietude que o tema desperta.

OPROCESSO de secularização não começou agora. Foi desencadeado pela própria Revelação. Os primeiros capítulos do Gênesis pulverizam as cosmogonias pagãs que viam deuses e deusas nos astros, águas e montanhas. Eliminando progressivamente o falso sagrado de lá onde não existe, o Evangelho acentuou este processo de purificação que na história do cristianismo sofreu avanços e recuos. A mentalidade técnica de nossos dias ameaça varrer o sagrado da vida humana. É preciso, porém, que nesta ventania que sacudirá as folhas secas, não se arranquem as raízes da fé. Escrevemos para isto. Quem não vê este processo atingir todos os setores da vida humana e social? O teatro, outrora expressão da fé, instrumento pedagógico de moral e de doutrinas, recusa-se hoje a ser expressão da crença para se tornar interrogação do homem, de suas angústias, de seu destino na história e no mundo. Nossa reportagem revela que não há referência à Igreja, nem esta se faz presente no jovem teatro moderno. É verdade que, apesar de não se dizer católico, aborda temas profundamente cristãos, e o enfoque deixa transparecer a luz do Evangelho, não obstante os palavrões de que abusa.

NÃO é, a reforma da Cúria, um esforço para adotar os métodos racionais de trabalho e obter a maior eficácia dentro dos preceitos da tecnologia? No entanto, haverá alguém julgando que a presença dos técnicos profanou o sagrado?



SECULARIZAÇÃO

Muitos temem que a secularização seja uma forma de ateísmo. Outros a confundem com o secularismo ou laicismo. Em 1964, no México, uma conferência missionária ecumênica deu o seguinte parecer:

«Não somos nem otimistas nem pessimistas a respeito da secularização que não deve ser julgada somente pelo critério do que produz na Igreja. A secularização abre aos homens novas possibilidades de libertação ou escravidão. Sabemos que ela criou um mundo onde é fácil esquecer Deus, abandonar as práticas religiosas tradicionais e perder o sentido da vida. Entretanto, estamos irredutivelmente convencidos de que a missão da Igreja não consiste em procurar o lado sombrio das coisas e oferecer o Evangelho como antídoto contra as desilusões. Cremos que atualmente nossas Igrejas precisam mais de encorajamento que de restrições para se engajar na luta».



**FORUM
DE DEBATES**

o universo é a cidade dos homens; o mundo é sua tarefa e responsabilidade

O fenômeno

Nunca na História houve expansão global como em nosso tempo. O mundo dos campos e das aldeias transformou-se, neste século, em formidáveis aglomerações urbanas concentradas em redor da máquina.

As metrópoles ligam-se pelos meios de comunicação, graças aos quais todos os homens praticamente têm acesso a todas as culturas. Daí uma conclusão de máxima importância: temos consciência de pertencer a um único movimento histórico, engajados na construção de um novo mundo, sendo responsáveis diretos do êxito ou do fracasso. A este respeito Harvey Cox escreve: "o universo é a cidade do homem; o mundo é sua tarefa e responsabilidade. O homem contemporâneo tornou-se cosmopolita. O mundo é sua cidade, e sua cidade cresceu até abranger o mundo" (1).

Enfim, nossa época preocupa-se com a construção da cidade do mundo secular. O instrumento poderoso desta obra é a técnica que libertou poderosas energias da natureza outrora atribuídas às divindades.

A rápida escalada tecnológica e seu retumbante sucesso levanta

formidáveis desafios à antropologia, à filosofia e sobretudo às concepções religiosas. As filosofias tradicionais, tranqüila e academicamente debatidas nas aulas universitárias, de um momento para outro sentem-se desclassificadas pelo povo e especialmente pelos cientistas. Uma nova escala de valores, novas preocupações fundamentais angustiam o homem da era tecnológica. Religião e valores éticos enfrentam revisão sem precedentes. Nesta perspectiva podem ser encarados os movimentos teológicos sobre "a morte de Deus", a "desmitificação" e a "secularização".

Harvey Cox definiu a secularização como a "libertação do homem do domínio religioso e da tutela da metafísica" (2). Esta afirmação suscitou muita polêmica. Mas a secularização pode também ser focalizada como a *tentativa de construção de um novo mundo, com novas metas e valores, sob a responsabilidade do homem livre*. Tal movimento não se filia a nenhuma convicção religiosa. Em geral, a sociedade contemporânea, respeitando o sentimento religioso do cidadão, procura engajar os talentos na solução técnica e científica dos problemas do homem e do mundo. Numa palavra, os homens contemporâneos unem-se sempre

mais estreitamente em torno de metas seculares. Tais perspectivas entusiasma especialmente os jovens que começam a entrever a possibilidade de pensar de modo diferente de seus ancestrais. O mundo não está definitivamente feito e acabado. Ele pode ser discutido e remodelado segundo novas categorias. Sobretudo a juventude das nações novas e dos continentes em vias de desenvolvimento luta por uma nova ordem de coisas.

Em resumo, a tecnologia e as teorias sociais procuram construir a cidade secularizada, uma nova sociedade, a *Tecnópolis*, independentemente de quaisquer orientações religiosas (sem contudo desprezá-las ou persegui-las). Com efeito, as confissões religiosas já não são as mestras espirituais da ordem temporal, como na Idade Média. Mesmo em nossa época, as grandes encíclicas sociais são mais admiradas que praticadas pelas nações. Por isso, às confissões religiosas resta um caminho: inserir decisivamente seus adeptos na construção da tecnópolis explicitando os valores profundos, transcendentais e religiosos da realidade histórica. Isto implica também a redução maciça dos quadros institucionais internos das confissões religiosas.



A IGREJA ESTÁ NO MEIO DOS HOMENS. NE



Fundamentos da secularização

O movimento de secularização baseia-se em várias idéias-mestras. Citemos algumas:

A historicidade do homem — O homem antes de tudo é um ser no mundo, situado no espaço e tempo, com tôdas as riquezas e limites que isto implica. Por isso é ele é autor e ator principal do drama da História. Responsável de seu destino e do mundo, o homem projeta o futuro e o constrói com o trabalho. Tudo isto confere à liberdade do homem autonomia e responsabilidade sem precedentes.

Autonomia do mundo — Cada realidade temporal tem densidade ontológica própria. Reunidas, formam um todo significativo, isto é, carregado de sentido que os homens de todos os tempos procuraram decifrar através de concepções filosóficas, científicas ou religiosas. Mas o universo tem leis intrínsecas e autônomas, independentes de quaisquer concepções. Pela descoberta e controle de tais leis o homem está construindo um nôvo mundo para si.

Subir para onde?

Relatividade — “O gênero humano encontra-se hoje numa fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas se estendem progressivamente ao universo inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem e por sua atividade criadora. Attingem o próprio homem em seus juízos, desejos individuais, coletivos, seu modo de pensar e agir, tanto em relação às coisas quanto em relação aos homens. Já podemos falar de uma verdadeira transformação social e cultural que penetra na vida religiosa” (3). Em síntese, as transformações científicas de nossa época modificam profundamente o pensamento e o comportamento do homem, máxime da juventude. Passamos da interpretação absoluta e definitiva para a concepção relativa e *in fieri* do homem e da História. Por isso os contemporâneos já não aderem a filosofias acabadas (dogmáticas), nem a princípios científicos definitivos. O mesmo se diga das teorias sociais, jurídicas, econômicas etc. Tudo (realidade e ciência) está em incessante processo de elaboração, em contínuo vir-a-ser. Daí as constantes superações dos enunciados. Tôda formulação é relativa. Relativa ao atual conhecimento do mundo relativo.

Dilema: imanência ou transcendência — Estas três considerações referem-se ao homem e ao mundo. Porém atuam fortemente sobre as convicções religiosas. Com efeito, vivendo na imanência his-



ACIMA NEM ABAIXO. COM ELÊS FAZ A GRANDE

tórica e habituados a rigorosos métodos de verificação científica, muitos homens poderão vir a ignorar a transcendência e os métodos de comunhão com ela. Certas filosofias antigas (e concepções teológicas) já não dizem mais nada à maioria dos homens de hoje. Os antigos opunham imanência e transcendência. O homem devia passar deste mundo para o outro; desta vida para a outra; devia subir. Mas subir para onde? Estas concepções filosóficas e teorias teológicas não se baseariam nas antigas mitologias? Eis a pergunta de Robinson em *Honest to God* (4). Milhões de homens pensam hoje que a religião era uma razoável explicação para o mundo pré-científico. O homem tende a contentar-se com a imanência pessoal e histórica, procurando dominar-se e dominar o mundo, certo de ser o único construtor da História.

Repercussão na Igreja

O Concílio Ecumênico Vaticano II abriu sincero diálogo da Igreja com os homens e a História contemporânea. O diálogo veio mostrar quanto é urgente uma profunda revisão dos atuais quadros eclesiais. Antes do Concílio, especialmente através das encíclicas sociais, a Igreja procurava dialogar com o mundo. Mas ainda era um diálogo à distância. Diálogo entre a eternidade e o tempo, entre o religioso e o profano,

entre a Luz da verdade pura e o mundo a ser iluminado. Era enfim um diálogo de dentro da barca da salvação para fora, para o mar humano em angustiante debate por descobrir um rumo.

No Vaticano II, a Igreja, despidendo o aparato acessório, foi ao fundo de sua mais autêntica fisionomia. Reafirmou categoricamente sua condição de realidade histórica, sujeita às condições de espaço e tempo. "As alegrias, esperanças e angústias dos homens de hoje são também a alegria, esperança e tristeza dos discípulos de Cristo. Por essa razão a Igreja sente-se solidária com o gênero humano e sua história" (5). Por isso a Igreja reconhece sua historicidade e conseqüente relatividade de suas formulações teológicas, métodos pastorais, ordenamento jurídico etc. Peregrina no tempo, humildemente indaga com todos os homens os sinais dos tempos. Não se julga a única detentora da Verdade, nem pretende possuir as fórmulas perfeitas da verdade. Está no meio dos homens, seus irmãos. Nem acima, nem abaixo. Com eles faz a grande viagem da História. Procura com eles projetar um futuro sempre melhor para todos. Enfim, "vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que dores de parto até o presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus" (6).

Por isso mesmo, em cada lugar e tempo, a Igreja procura configurar-se, assumir a fisionomia do ambiente, assumir os anseios dos

homens e caminhar com eles rumo à plena realização, que segundo nossa fé se dará em Cristo.

Hoje a Igreja assume com alegria sua temporalidade e historicidade, na certeza de estar valorizando sempre mais sua dimensão divina. Enfim a Igreja de nosso tempo adquire consciência global de sua realidade de ser "a um tempo humana e divina, visivelmente ornada de dons invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e no entanto peregrina" (7). Numa palavra, a Igreja de hoje seculariza-se rapidamente.

Igreja secularizada

A secularização da Igreja nada mais é do que a situação (colocação) do Povo de Deus no século, na História, no meio dos homens e dos valores do mundo promovendo-os e desenvolvendo-os. Compreende-se então que a Igreja de hoje não considera sua primeira tarefa *levar-para* os homens formulações teologicamente puras ou quadros pastorais perfeitos; mas sua primordial preocupação é *viver-com, caminhar-com* os homens, construindo com eles a História, descobrindo com eles os valores do mundo, sua dimensão imanente e transcendente; enfim descobrindo com eles a vocação universal para Cristo. Pois, segundo nossa fé, "o Senhor é o fim da História humana, ponto ao qual convergem as aspirações



VIAGEM DA HISTÓRIA. COM ÊLES PROCURA PROJ

da História e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos" (8). Por isso a mais alta vocação e valorização do mundo é sua integração em Cristo. Neste sentido a Igreja é a vocação do mundo. Enfim, poderíamos exprimir a secularização da Igreja com a feliz descrição de Teilhard de Chardin: "a Igreja, porção reflexivamente cristificada do mundo; a Igreja, foco principal de afinidades inter-humanas; a Igreja, eixo central de convergência universal, é ponto preciso de encontro que surge entre o universo e o ponto Ômega" (9).

Conseqüências

Este modo de encarar a Igreja, que em última análise é preconizado pelo Concílio especialmente na Constituição *Gaudium et Spes*, nos leva a tirar importantes conseqüências. Citemos algumas:

Cristandade e secularização — Na Igreja vai se encerrando a fase da cristandade e inaugura-se a época da secularização. Aqui está o cerne dos atuais debates teológicos, pastorais, administrativos da Igreja contemporânea. Trata-se de uma passagem, de uma transição dos quadros de cristandade para a perspectiva secularizada. É uma passagem dolorosa mas sadia e necessária. Muitos se espantam. Pois abalam-se estruturas quase milenares.

Esta corajosa passagem visa desvencilhar a Igreja de um aparato secundário para que resplandeça sempre mais claramente a Luz de Cristo no mundo.

Com efeito, a cristandade caracterizava-se especialmente pelas preocupações *ad intra*. Era uma Igreja voltada para seus quadros especialmente administrativos, moralistas e ritualistas. Preocupava-se particularmente com a ordem de alto a baixo e com o cumprimento fiel das leis canônicas.

A Igreja secularizada quer antes de tudo situar-se no mundo, *viver-com-os-homens*, afirmar os valores terrestres, sobretudo nos aspectos de justiça, fraternidade, amor, desenvolvimento da pessoa e da comunidade humana. Reconhece que sua precípua missão é anunciar que estes valores atingem plenitude em Cristo e nêles sua mensagem já se encontra implícita. Evidentemente esta perspectiva não dispensa ordem e disciplina, quadros institucionais. Porém não mais voltados sobre si, mas a serviço da Missão no mundo.

Inserção na realidade — No sentido acima exposto, a secularização é para a Igreja um esforço de encarnação. É a Igreja que, continuando o mistério da Encarnação, se insere vitalmente no mundo da técnica, das profissões, artes, instituições sociais e sobretudo nos centros criadores e propulsores da nova História da humanidade. Jamais por razões táticas, mas por motivo de fide-

dade à Missão e ao homem.

Vista globalmente, a Igreja imprime à sua atividade o rumo secular, o rumo do mundo. O leigo cristão já não pode contentar-se com quadros meramente institucionais (práticas religiosas, associações, obras pias), mas antes de tudo está atento aos sinais dos tempos no ambiente em que vive. Como cristão-no-mundo, êle "coopera como cidadão com os cidadãos, com competência específica e responsabilidade própria" (10).

O sacerdote, até agora liberado exclusivamente para funções eclesísticas (quadros paroquiais, celebrações religiosas, administração), desperta hoje para o problema de sua inserção no mundo, ganhando sua vida em atividades profissionais, dando nestes quadros testemunho humano, cristão e sacerdotal. Enfim, ser padre-no-mundo é a aspiração de muitos sacerdotes autênticos e zealous. Neste sentido a organização artificial (paróquia) começa a ceder lugar às comunidades naturais (ambiente profissional), onde o próprio sacerdote se insere com iguais direitos e deveres, exercendo lá o mais autêntico trabalho de evangelização.

Os religiosos, até aqui quase sempre destacados para funções internas da comunidade, começam a dar primordial importância aos apelos dos sinais dos tempos. Estes se manifestam no mundo e no mundo específico do apostolado da congregação a que o religioso pertence. As comunidades



TAR UM FUTURO SEMPRE MELHOR PARA TODOS. A

tendem a organizar-se em função dos apelos do mundo, e não vice-versa. A vida comunitária e os próprios votos começam a ser encarados em função da Missão no mundo. Não são valores absolutos, mas relativos à missão. Em nossa época surgem pequenas comunidades plenamente integradas na vida ambiental, preocupadas primordialmente com a promoção e o desenvolvimento das pessoas do lugar, com as quais vivem, trabalham, compartilham alegrias e sofrimentos. Para dar testemunho mais completo de sua consagração e inserir-se melhor na realidade, muitos religiosos especializam-se técnica e profissionalmente no setor específico de sua congregação.

Enfim, as casas de formação, outrora baluartes reservados, hoje se abrem para a vida e formação inseridas no mundo. Vários seminários já se integraram na escola pública onde os futuros padres e religiosos receberão uma qualificação como os outros cidadãos e se preparam para o pastoreio com conhecimento pessoal e direto da realidade.

Fidelidade ao essencial — A secularização, para ser autêntica, exige fidelidade ao absoluto e ao relativo. Somos fiéis ao absoluto quando nele permanecemos. Por exemplo, é indispensável a fidelidade à Palavra definitiva do Senhor, fidelidade ao real e aos sinais dos tempos. Por outro lado, somos fiéis ao relativo quando dele nos desfazemos em tempo oportuno, sem saudosismos. Neste

sentido a secularização liberta o cristianismo do império sacral formado ao longo dos séculos por hábitos, organizações, leis, estruturas, formulações jurídicas ou teológicas, e o pesado aparato burocrático e disciplinar. A fidelidade ao absoluto (Palavra e Realidade) exige de todos o esforço para superar estes quadros transitórios.

Tensão imanência — transcendência — O movimento de secularização exige uma Igreja convicta de sua historicidade, temporalidade e encarnação na vida real dos homens. A Igreja é válida na medida em que realmente é sinal e instrumento de salvação para os homens deste tempo e para os acontecimentos de hoje. Sem fidelidade ao tempo a Igreja não pode ser fiel à eternidade. Mas a encarnação na imanência histórica não implica negação da transcendência, como talvez queiram afirmar alguns defensores da secularização. Na afirmação do valor imanente das coisas está implícita a transcendência. Transcendência e imanência não são dois momentos sucessivos. Implicam-se mútua e contemporaneamente. Ambos existem no interior do homem e da História. O homem e o mundo, que formam a imanência histórica, carregam em si mesmos, na sua própria dimensão de valor-finito, a dimensão e o apelo para a transistória, para o Valor-infinito. O apelo ao infinito está implícito no interior das criaturas. Cabe-nos explicitá-lo.

O homem, antes de tudo, é um ser-no-mundo, com todas as riquezas e limites que isto implica



IGREJA ESTÁ NO MEIO DOS HOMENS



Igreja é fortaleza amedrontada e triunfalista ou é um fermento na massa?

Secularização e desenvolvimento — A secularização exige encarnação e fidelidade ao real, aos acontecimentos, à vida dos homens. Numa palavra, requer atenção aos sinais dos tempos, os quais são sinal e palavra de Deus para o mundo contemporâneo.

O grande sinal de nosso tempo, no Brasil e na América Latina, é a arrancada para o desenvolvimento. O impulso para o desenvolvimento promove valores procurando conduzi-los à mais completa expansão. Isto não se fará sem gigantesca luta contra a miséria, o egoísmo, as ditaduras escravizantes e as estruturas sociais obsoletas e opressivas. Mas sobretudo exige luta construtiva de aculturação do povo, ensinando-o a descobrir o valor da pessoa, da justiça, da fraternidade, da cooperação, para construir uma autêntica comunidade desenvolvida e sofredora. É nesta luta que o homem se forma uma filosofia de vida, descobre valores transcendentais e, se fôr até às últimas consequências, encontrará Cristo, plenitude de justiça, fraternidade, paz, plenitude de todos os valores (11).

É lutando pelo desenvolvimento que a Igreja adquire sua verdadeira encarnação no mundo atual. Na promoção do desenvolvimento a Igreja se torna concretamente

Perderá o homem de amanhã o sentido religioso da vida? Os adultos de amanhã desejam viver em outros moldes a mesma e eterna verdade da SALVAÇÃO

“sacramento ou sinal e instrumento de íntima união com Deus e de unidade de todo o gênero humano” (12). Em nosso País, qualquer religião que se limitasse a enunciar doutrinas teologicamente perfeitas, ou formulações litúrgicas novas, seria irreconhecível sobretudo pela juventude. Tal religião não seria um sinal visível de salvação, ainda que internamente fôsse magnificamente organizada (teológica e litúrgicamente) e governada.

Secularização e cristãos de amanhã — A secularização pouco a pouco suscita profunda renovação cristã, novos modos de se viver o mesmo e eterno mistério da Salvação.

Prenúncio desta renovação parecem as pesadas instituições obsoletas, nossos majestosos templos vazios, nossas celebrações



pouco concorridas etc. Perderá o homem de amanhã o sentido religioso da vida? Os adultos de amanhã serão ateus? Não há razões que justifiquem esta opinião. Porém, é certo que os adultos de amanhã desejarão viver em outros moldes a mesma e eterna verdade da Salvação de ontem, hoje e sempre. Talvez o cristão do futuro dê menos atenção à Instituição (sem desprezá-la ou eliminá-la), concentrando esforço máximo na Missão-no-mundo.

Será profundamente atento aos sinais dos tempos, devotado ao desenvolvimento e promoção de valores. Certamente a liturgia será celebrada de modo espontâneo e condizente com a situação vital dos participantes. Provavelmente a fé será mais profunda, concentrada no mistério básico da Salvação, purificada do acervo de

convicções secundárias (por vezes supersticiosas). Certamente da vivência da fé (e não de normas moralizantes) surgirá o comportamento ético do cristão de amanhã com relação à vida pessoal, matrimonial, social etc. O cristão de amanhã estará profundamente ligado a seus pastores nos assuntos de fé e profundamente livre na tomada de posição pessoal face aos acontecimentos cotidianos. Enfim, parece que a juventude de hoje presta mínima atenção aos quadros de cristandade (instituições, orientação disciplinar, normas moralizantes, cerimônias religiosas, movimentos religiosos) e vai se definindo para uma vida cristã secularizada (atenta aos sinais dos tempos, participando dos fatos com todos os homens de qualquer raça ou convicção religiosa).

Pe. Olinto Pegoraro

- (1) Harvey Cox — *The secular City*, p. 1
- (2) Harvey Cox, *ob. cit.*, p. 2
- (3) *Gaudium et Spes*, 4
- (4) John Robinson — *Honest to God*, pp. 17-39
- (5) *Gaudium et Spes*, 1
- (6) *Lumen Gentium*, 48
- (7) *Sacrosanctum Concilium*, 2
- (8) *Gaudium et Spes*, 45
- (9) Teilhard de Chardin — *Comment je vois*
- (10) *Apostolicam Actuositatem*, 7
- (11) *Populorum Progressio*, 1,6,21
- (12) *Lumen Gentium*, 1
- (13) Harvey Cox, *ob. cit.*, 1

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

- HARVEY COX — *The secular City*
 LESSLIE NEWBIGIN — *Honest religion for Secular Man* (tradução francesa em CASTERMAN)
 SCHILLEBEECKX — *Dieu et l'homme: Révélation et théologie*, Ed. du Cep.
 MIRCEA ELIADE — *O sagrado e o profano* (Livros do Brasil-Lisboa)
 JOHN ROBINSON — *Honest to God* (tradução francesa: Nouvelles, ed. latines)
 THOMAS ALTIZER e WILLIAM HAMILTON — *A Morte de Deus* (Paz e Terra)
 BLACKHAM — *A religião numa sociedade moderna* (Paz e Terra)
 VGTLE — *Revelation y Mito* (Herder)
 VARIOS — *Dieu aujourd'hui* (recherches et débats)
 VARIOS — *Vers une Église pour les autres* (Labor et Fides)





PROBLEMAS PASTORAIS

Os problemas são outros

O problema de como introduzir os jovens à vida religiosa é, talvez, a preocupação mais séria dos mestres, atualmente. Tudo parece muito incerto: ao lado da riqueza enorme que representa o nosso período de transição e de renovação radical, há o reverso da moeda, que é bem duro de se pagar — as dúvidas, a insegurança, o choque de opiniões etc. Nas comunidades de formação o problema se reflete de um ponto muito mais radical que em qualquer outro tipo de ambiente. Os jovens, principalmente, são tomados de grande impaciência diante da lentidão do processo de renovação, diante de exigências que para eles já não apresentam nenhum sentido. Tudo é pôsto em discussão, tudo é debatido. O papel do orientador se torna, dia a dia, mais difícil. Não há mais *ancoradouros* seguros; o que se fez no ano passado, o que deu certo com a turma anterior, não é necessariamente o que deverá ser feito neste ano, com esta turma. Cada nova turma de postulantes, de noviços ou de não professos, traz exigências novas e bem específicas. E todos trazem uma exigência fundamental: serem tratados pessoalmente, receberem uma atenção especial, fazerem-se valer como pessoa. Os esquemas já não servem mais... os problemas são outros.

Até bem pouco tempo, era bem mais fácil dirigir um grupo de jovens religiosos. Tínhamos diante de nós uma série de artigos das constituições ou dos livros usuais, havia uma quantidade de costumes institucionalizados e aceitos, simplesmente. A alternativa era

bem clara: aceita-se ou procura-se um outro rumo na vida. A pessoa era colocada friamente (por maiores que fôssem as implicações pessoais e a boa vontade do mestre) diante de um regulamento imóvel. Não havia chance de discussão. Ou nos ajustamos ao regulamento, ou não servimos para a vida religiosa. Sendo assim, havia toda uma plataforma fixa e bem estabelecida onde o mestre podia mover-se com toda a segurança: "sem medo de errar", "os jovens religiosos falavam muito menos", "mais fáceis de serem manejados".

Nesse clima não havia problemas, ou pelo menos, nunca se pôs o problema com a intensidade com que é pôsto hoje. Não havia problemas de transição, porque não havia transição: a pessoa não era convidada a crescer com a comunidade, a buscar na comunidade religiosa sua realização — crescia apesar de tudo, progredia apesar dos pesares.

Gostaria de acentuar um dos efeitos desse tipo de encontro com a vida religiosa: o indivíduo, em vista do conjunto de sua opção — do essencial — aceitava tácitamente uma quantidade enorme de exigências secundárias, sem assumi-las em profundidade, ou assumi-las como um mal necessário (um dos ossos do ofício). Partia-se desde o princípio, caminhando sobre fundamentos negativos, e na primeira oportunidade tudo era esquecido ou negligenciado sistematicamente. Essa é a constatação mais negativa: a pessoa sem oportunidade de se introduzir aos poucos na vida religiosa não faz, de fato, uma opção vital; o compromisso carece de uma visão total da vida. Neste sentido, impõe-se uma revisão.

De onde eles estão vindo?

Parece uma regra geral. Nossos vocacionados provêm da classe média. Dificilmente encontramos nos conventos elementos da classe alta ou das classes mais baixas. Por quê? Certamente porque o campo de influência da Igreja incide muito mais sobre a classe média. O fato é que as vocações eclesásticas são despertadas no seio das famílias medianas; e se há um desvio, é em geral para baixo da média. Esta constatação talvez mereça um estudo à parte, no sentido de situar uma falha nossa, bastante grave: o nível de vida dos nossos conventos não corresponde em geral à classe média; apresenta-se mais elevado e em certo sentido aliena o indivíduo das condições concretas de vida do meio de onde ele saiu e ao qual ele deveria servir.

Creio haver aqui uma primeira ruptura grave: o nôvo religioso cai num ambiente de despreocupação econômica, de relativa segurança e se aliena, perdendo a fé na realidade. Aos poucos surgirão as exigências contraditórias de participação na vida do povo, de um lado, e de outro lado, de conservação do ambiente conventual. Isto provoca um grande mal-estar nas comunidades pois a contradição começa a transpirar pelas paredes... e não nos situamos muito longe da chamada *esquerda festiva*, que sabe de tudo teoricamente e se sente incapaz de assumi-lo na prática.

Do ponto-de-vista cultural, as implicações são também importantes: nossos vocacionados situam-se entre 18 e 22 anos em geral. Chegam aos conventos com o curso clássico, científico ou normal, muitas vezes incompleto, e se ressentem de toda a deficiência do ensino médio no

ÊLES QUEREM SABER DE DEUS

Brasil, Ainda não há uma experiência cultural. Caberá ao convento motivá-los e dar-lhes as condições de realizar esta primeira experiência fundamental. Do contrário, arrastaremos indefinidamente pesos-mortos em nossas comunidades, pessoas que nunca chegarão a uma verdadeira maturidade.

Faltam-nos vocações mais adultas e de meios sociais diferentes. Há poucos religiosos que concluíram sua formação superior fora do convento. Há pouquíssimos das chamadas "vocações tardias"; o que vigora de fato são as vocações prematuras que chegam ao convento sem condições de assumirem seriamente um compromisso radical de mudança de vida.

Os que vêm de nossos colégios não encontraram aí, na maioria dos casos, o testemunho cristão necessário. Os que vêm de nossas paróquias dificilmente terão encontrado aí a vitalidade cristã que poderia motivá-los a uma experiência mais aprofundada. Quando o jovem candidato chega até nós, praticamente tudo está por se fazer...

Por que eles estão vindo?

Motivação social — É muito freqüente nos jovens que passaram pelos movimentos especializados de pastoral de juventude. Diante da atual tragédia brasileira da luta pela libertação, da movimentação desenvolvimentista, o jovem é pôsto numa situação de desafio: há um apêlo de participação, de integração social. Engajado no movimento cristão, o jovem descobre o dinamismo evangélico, a dimensão social da doutrina cristã, e se empolga. Essa descoberta do Evangelho vai levá-lo, com bastante rapidez, a um tipo de opção mais radical. E em pouco tempo, um número bem grande de rapazes e mças resolve optar pela vida religiosa. Assim, chega a nossas casas uma espécie de "sopro novo", de "falas novas", de debates inflamados. Há sempre, no fundo, uma sede imensa de participar do processo histórico, de voltar-se para o homem de nossa sociedade etc. A presença

de pessoas com essa mentalidade é de pêso muito positivo para as comunidades. Cria-se uma espécie de motor que acorda e preocupa os acomodados, e gera uma atitude de atenção muito positiva para a realidade. No entanto, em geral, constatamos a fragilidade dessas posições, seu romanticismo um tanto ingênuo... Parece faltar o que daria profundidade a esta dimensão tão positiva: a opção por Deus, a descoberta de Deus como elemento essencial da vida. Essa motivação, tão positiva e rica, corre o risco de se perder, num desespero vago e fatal, se o jovem não encontrar no seu orientador a ressonância que êle espera. E será muito pior se êle não encontrar em sua comunidade a preocupação que o levou a optar pela vida religiosa: o serviço efetivo, arriscado, comprometedor, ao homem concreto, que existe, que está aqui, em toda parte. Por outro lado, o jovem fracassará em pouco tempo se não conseguir fundamentar sólidamente suas aspirações. Ou êle chegará a esquecê-las ou a engavetá-las, por



os jovens são tomados de grande impaciência diante do lento processo de renovação

falta de apoio (e isso seria a sua derrota como homem), ou então manterá uma atitude de obsessão que o impedirá de enxergar novos rumos de vida (seria a satisfação consigo mesmo, um passo decisivo para a acomodação numa atitude teórica e irreal).

Motivação individualista — Esta é menos comum atualmente. É o reflexo da nossa mentalidade católica de até bem pouco tempo: “salva a tua alma”, “conquiste seu lugar no céu” etc. É o tipo de motivação que mais cria problemas, pois fecha o indivíduo num egoísmo consciente que o aliena da realidade. Poderá produzir religiosos muito piedosos, muito bonzinhos, mas completamente incapazes de agir sobre a realidade, de assumir os problemas de seu meio... O que teríamos a fazer? — Abrir ao jovem a integridade do Evangelho, a largueza da mensagem cristã. Levá-lo a sentir as dimensões da Igreja no mundo de hoje e a importância de um cristianismo aberto aos homens, social, verdadeiramente encarnado.

Para alguns, a vida religiosa representaria “o último pósto seguro, num mundo que se desmorona”. Apegam-se ao convento como se este fosse a última fortaleza, a última proteção contra os perigos do mundo atual. Na maioria dos casos, analisados com mais atenção, o que há na realidade é um medo inconsciente (ou inconfessável) de enfrentar a vida. Seria um caso perdido? Há sempre uma esperança de melhora, de novas descober-

tas, de novas atitudes. A iniciação à vida religiosa deverá colocar as coisas no devido lugar. Esse tipo de motivação deve ser pôsto urgentemente em choque.

Atração — A atração por este ou aquele elemento da congregação é a concretização de uma opinião muito encontrada: “se encontrasse uma comunidade em que todos fôssem como frei fulano, então eu entraria para lá”. E muitas vezes a personalidade do frei fulano é tão marcante que alguém entra para um convento na esperança de que todos os outros sejam cópias do frei fulano. O defrontamento com a realidade pode ser mais que desastroso: nem todo mundo é como o tal fulano; nem o próprio fulano no ramerrão diário é como o dito cujo fulano idealizado. Resultado: frustrações. Não estou negando a realidade de vocações nascidas graças ao testemunho dêsse ou daquele religioso. Procuro apenas constatar um desvio grave que pode provir de uma decisão imatura.

Motivações positivas — Elas existem, evidentemente. Tôdas as motivações (mesmo a mais individualista) tem um fundo de verdade (maior ou menor). Tôdas elas, bem orientadas, podem trazer uma opção realmente autêntica, o que é preciso é saber ajudar cada um a “desmitificar” sua motivação, a purificá-la. É justamente este o nosso ponto crítico. De que maneira faremos este trabalho? Como levar o jovem religioso a crescer verdadeiramente em sua opção por uma vida evangélica?

Para onde eles devem ir?

A entrada na vida religiosa significa, antes de tudo, um desequilíbrio radical na vida do jovem. É uma ruptura com um passado, não em vista de negá-lo, mas de assumir uma nova realidade muito diferente. Vida religiosa não é "admissão" numa "turma nova", numa "nova gang". Essa ruptura é básica. É ela que abre o jovem religioso a um novo tipo de experiência vital. E o mestre é colocado aí, para provocar a ruptura, para orientá-la e para torná-la um passo positivo. Não há como fugir disso: o mestre é sempre a encarnação da nova exigência. Por outro lado, não há como negar, na maioria dos casos é muito árdua a luta que o jovem trava consigo mesmo, suas angústias e temores. Não é raro que ele, inconscientemente e até conscientemente, coloque em ação todos os seus mecanismos de defesa contra a autoridade do mestre, que parece querer impingir-lhe a sua própria visão das coisas. São muito melindrosos os primeiros encontros entre mestre e orientado. E não é fácil manter todo o equilíbrio necessário. O ponto fundamental na atitude do orientador é a capacidade de ter fé nas possibilidades de seus religiosos. Devemos saber esperar, reconhecendo, antes de tudo, que a luta que o jovem religioso está travando é decisiva para ele.

É uma luta dolorosa. Qualquer imposição mal colocada, qualquer tentativa de violentar o jovem só pode ter um resultado desastroso. Se no princípio, talvez, ele vibra, em duas semanas já estará farto, em poucos meses

constatará a impossibilidade de ir adiante, e sairá depois de ter suscitado um sem número de problemas. Mesmo a motivação mais fraca e mais duvidosa não pode ser arrasada, logo de saída. Há toda uma pedagogia de paciência e de amor ao próximo que deve ser respeitada. Por outro lado, se o mestre deixar de tomar uma certa posição bem definida desde o princípio, ser-lhe-á muito difícil atingir a comunidade posteriormente. Definir-se sem ser duro, sem parecer legalista e estratificado. Aqui está o ponto mais delicado. Cabe-nos, diante de nossa situação atual, levar o jovem religioso a uma experiência cristã mais adulta. Talvez seja nossa missão descobrir os turnos dessa experiência cristã, hoje: para onde estes jovens, concretamente, devem caminhar?

Isto só será possível através de um contato muito direto com os nossos orientados. Não se trata, absolutamente, de vigiar, mas de viver com eles a sua experiência, de nos tornarmos realmente participantes dos trabalhos, debates, círculos, recreios, passeios etc. Sobretudo, trata-se de conviver. É na convivência que teremos as melhores oportunidades de dosar a forma de apresentação da proposta religiosa, e é aí que poderemos sentir a repercussão de nossas intervenções.

FREI ESTANISLAU BARTHOLDY, OFM

RENOVAÇÃO: VOLTA ÀS FONTES E PROSPECTIVA

**"À LUZ DO
CONCÍLIO VATICANO II
E DA REALIDADE
LATINO-AMERICANA"
A CRB APONTA
NESTE LIVRO
AS PISTAS
DE UMA VIDA
RELIGIOSA
PLENAMENTE
ENGAJADA.**

Pedidos à
sede da
CRB:

Av. Rio Branco, 123
10.º andar - (GB)



REPORTAGENS

Teatro: Brasil no palco

Nem as pressões econômicas, nem as casas semivazias, nem uma população de 60 por cento de analfabetos, nem o mínimo auxílio oficial conseguiram sufocar a necessidade de comunicação desse grupo de autores, quase todos jovens, quando não em idade, pelo menos em espírito. Foram eles que, lutando contra tudo e contra todos, criaram a base da dramaturgia nacional.



Luiza conta teatro

Tudo começou em 1922, quando a Semana de Arte Moderna mudou o panorama artístico, literário e até mesmo científico do País inteiro. Sua influência exercendo-se na música, na poesia, na literatura, na pintura e arquitetura, fatalmente atingiria o nosso teatro. E foi o que aconteceu. Dela saiu Oswald de Andrade que, em 1935, tentava estreiar no Teatro de Experiência, em São Paulo, sua peça *O Homem e o Cavalo*. E a cidade que não tinha espetáculos teatrais desde os tempos de Itália Fausta movimentou-se para a estréia que nem mesmo chegou a acontecer. O teatro foi fechado pela polícia. Mas a semente fôra lançada e em seguida Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Flávio de Castro ten-

taram fundar, com Raul Bopp, um grupo teatral na Sociedade de Artistas Brasileiros. E em 1938, Santa Rosa, o verdadeiro criador da cenografia nacional, juntamente com Jorge de Castro e Luiza Barreto Leite, fundou o grupo *Os Comediantes*, iniciando-se assim o teatro genuinamente brasileiro.

— Nossa intenção era fazer teatro como é feito hoje — declara Luiza Barreto Leite — mas a censura ditatorial da época não permitia vôos muito altos e obrigava a encenação de peças alienadas da realidade social do País. Ainda em 38, — acrescenta ela — Ziembinsky entra em *Os Comediantes* e impõe ao grupo a técnica européia.



Luíza Barreto Leite, hoje crítica de teatro no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, foi premiada com o *Estácio de Sá* do Museu da Imagem e do Som, da Guanabara, como a personalidade que mais trabalhou pelo teatro do Brasil, no ano de '67, idealizando e realizando o I Seminário de Dramaturgia Nacional.

Ao mesmo tempo em que surgia *Os Comediantes*, Pascoal Carlos Magno fundava o Teatro do Estudante imprimindo-lhe uma linha clássica. São esses os dois grupos iniciais de onde surgiram os grandes nomes de hoje, tais como Maria Dela Costa, Cacilda Becker e Sérgio Cardoso. Os três foram para São Paulo, onde Franco Zampari fazia teatro com bases mais comerciais, esteticamente dissociado da vida brasileira. A coisa continuou assim até que um grupo saído da Escola Dramática de Alfredo Mesquita formou o Teatro de Arena em sua primeira fase. Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri eram alunos dessa Escola. Dada a ausência de autores teatrais verdadeiramente brasileiros, organizaram um seminário interno de dramaturgia, acabando eles mesmos por escrever as próprias peças. Surgiu assim o teatro, tal como temos hoje: com visão brasileira e peças de caráter social e nacionalista.

Luíza Barreto Leite finaliza: "A evolução do nosso teatro não terminou. Esteticamente está surgindo um outro movimento liderado por Paulo Afonso Grizzoli, no Rio, e José Celso, em São Paulo. Caracteriza-se pela reformulação das peças já clássicas, e *O Rei da Vela*, recentemente encenada, é o melhor exemplo.

Declara ainda que é impossível afirmar para onde irá esse teatro. Mas o fundamental é que "nos dias atuais não existe um autor ou um único movimento. Com uma dramaturgia nacional não centralizada mas divergente existe um ator, um gênero e uma escola para cada gosto e para cada pessoa".

o eterno criador de casos

Mas o público que lota os teatros onde suas peças são encenadas, a crítica especializada e os jovens, principalmente, vêm no paulista de Santos o maior nome do nosso teatro atual. Este paulista é Plínio Marcos, e para a censura ele é o "eterno criador de casos". Plínio, porém, alheio a todas as discussões que provoca, continua calado, introvertido e revoltado contra o atual estado de coisas. Revoltado e gritando essa revolta em suas peças.

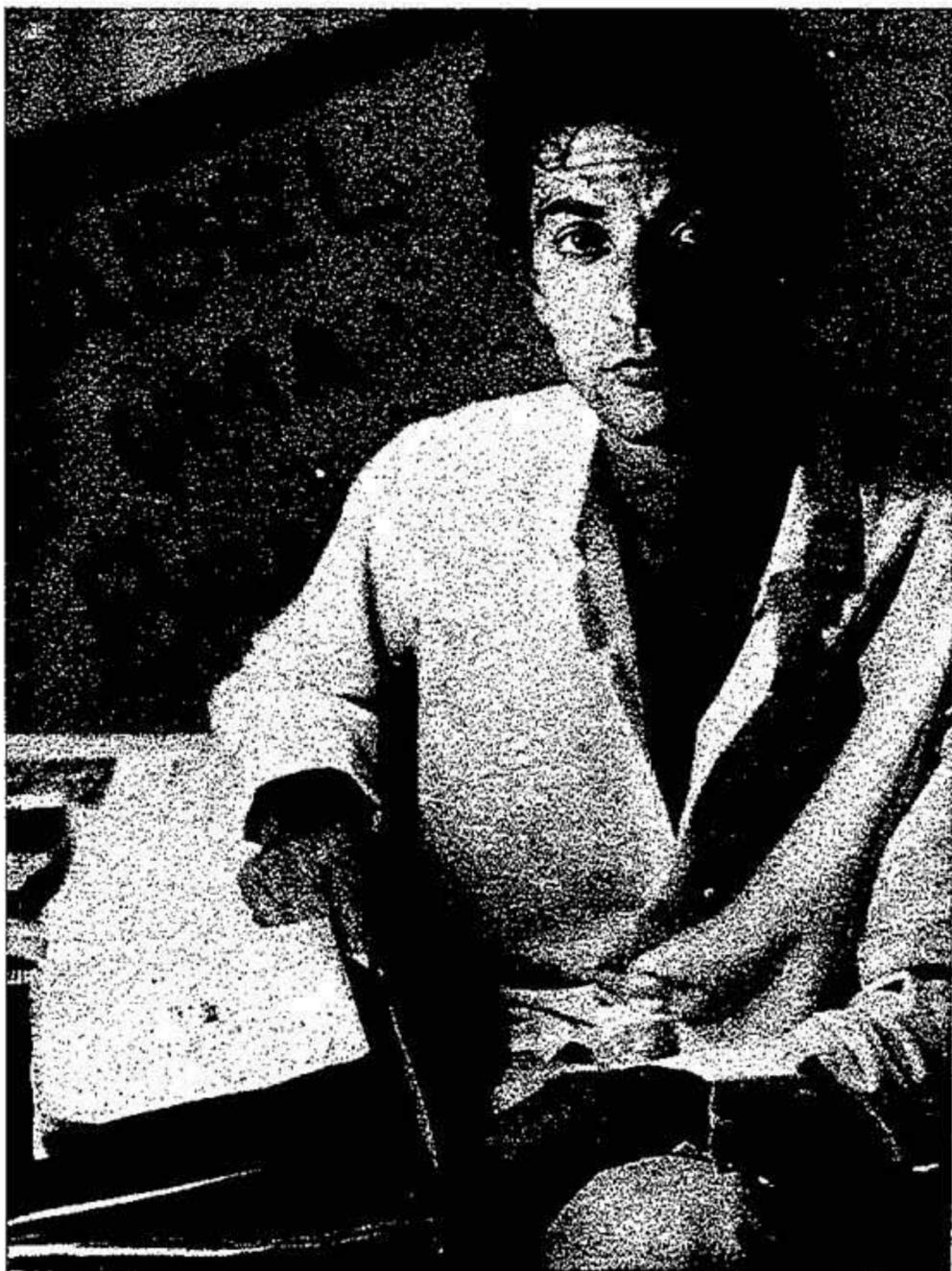
Plínio era palhaço de circo, quando a jornalista paulista Patrícia Galvão o convidou para fazer teatro. E só aos poucos ele foi descobrindo em si mesmo material e vivência para escrever *Barrela*, que o público ainda não conhece, e seus sucessos *Dois Perdidos numa Noite Suja*, *Navalha na Carne*, *Homens de Papel* e *Quando as Máquinas Param*. Seus personagens são sofredores, amargos, infelizes. Seus diálogos, de uma violência assustadora. Mas tudo o que Plínio escreve, é intensamente, até escandalosamente, real. Reflete a própria vida, com seus personagens nada coloridos. Reflete uma vivência que adquiriu nos tempos em que foi jogador de futebol, soldado e outras coisas.

Balbina de Iansã será seu próximo espetáculo. E ainda existem dois outros originais, *Reportagem de um Tempo Mau* e *Jornada de Um Imbecil Até o Entendimento*, que a censura não permite en-

cenar. Hoje, Plínio é um homem rico. É feliz. Casado, com 32 anos e dois filhos. Nos últimos dias de janeiro recebeu também, do Museu da Imagem e do Som, o prêmio *Golfinho*, como o melhor autor do teatro, no ano que passou. Além da placa de ouro, recebeu quatro milhões de cruzeiros. Entretanto, continua revoltado contra a miséria em que vegetam milhões de brasileiros, homens iguais a ele, que se tivessem maiores oportunidades seriam tão importantes quanto ele já é para a cultura do País. Revolta-se também contra a covardia dos empresários "que têm medo de arriscar no inédito" e contra a má remuneração de intérpretes que gera escassez de atores e atrizes. Afirma também que o maior defeito do teatro brasileiro de hoje ainda é "o seu afastamento do povo. Não se faz teatro para a massa carente de escola e instrução, mas para uma minoria burguesa". O que o consola, é que "as peças são sempre a favor desse mesmo povo".

Anos atrás, Plínio Marcos escreveu uma peça de base religiosa. *Dia Virá*, é o título. Foi montada pelo Colégio Des Oiseaux, em São Paulo. É a estória de Cristo sob um ângulo socialista.

E sobre os inúmeros palavrões de seus textos diz apenas: "Escrevo como falo. Tenho um vocabulário pequeno e não vou dar-me ao trabalho de ficar folheando dicionários..."



o mecânico de teatro

Não se pode falar de teatro jovem no Brasil sem lembrar imediatamente Oduvaldo Viana Filho. Brilhante, agitado, extrovertido, consciente do mundo e de seus problemas, o carioca de 31 anos que em 56 foi para o Teatro de Arena, em São Paulo, já em 58 ingressava em definitivo na linha de autores essencialmente nacionais. Suas peças *Chapetuba Futebol Clube*, *Revolução na América do Sul*, *Gente Como a Gente* e *A Mais Valia Vai Acabar, Seu Edgar* marcaram época e causaram pânico nos grupos privilegiados que apenas temem o final de seus ganhos desmedidos e não percebem que o comunismo só floresce onde a'guns têm demais enquanto muitos morrem de fome.

Abril de 64 encontrou Oduvaldo Viana no auge de sua produção. Com o dinamismo próprio dos jovens, era um dos maiores incentivadores dos Centros de Cultura Popular, que funcionavam em fábrica e sindicatos, ampliando o campo dos que criavam cultura e aumentando os focos através dos quais ela se propagaria. Organizando os Festivais de Cultura, com autores, escritores e músicos, levava ao público suas produções. E quando foi queimado o teatro da União Nacional dos Estudantes, Oduvaldo Viana preparava-se para estreá-lo, dias

depois, com sua peça *Os Azeredos Mais os Benevides*.

Houve um hiato de seis meses em suas atividades, para explodir na peça *Opinião*, que nada mais era do que o resultado de sua experiência em escrever sob encomenda e do seu conhecimento de que o humor sadio e a música são formas infalíveis de se chegar ao público. O sucesso de *Opinião*, segundo o autor, deve-se ao fato de "levar ao povo em linguagem acessível alguma coisa que ele precisa conscientizar".

Atualmente, mais sereno, porém não menos vigoroso, o teatro de Oduvaldo Viana Filho não se limita a ser uma fotografia da realidade brasileira. Oduvaldo acha que "basta de refletir e de xingar. Chegou a hora de apontar novos padrões de comportamento e novos valores para que se chegue a um caminho que possa levar a uma realidade melhor".

E mais: "Brecht dizia que seu teatro precisava ser como um mecânico que desmonta um automóvel. Também quero o meu assim. Que ele desmonte a realidade sob um ponto-de-vista não abstrato mas de um Brasil em processo de violenta revolução cultural".

Com a peça *Ratos e Homens*, no Arena (1956), Augusto Boal começou teatro em São Paulo.

Antes, em 1954, já havia feito teatro amador, no Rio de Janeiro.

No teatro atual brasileiro — "neste, a grande influência vem de Bertold Brecht" —, Boal aponta "várias tendências com finalidades diversas": a linha do *psicodelismo*, do *naturalismo compungido* e da perspectiva. Diz Boal: "Psicodelismo é uma espécie de direita festiva. É gente que antes era de esquerda, antes protestou violentamente... antes tentou destruir os tanques de guerra com cenários pintados; tentou enfrentar as metralhadoras com os conceitos, a mentira com a verdade... Depois desanimou... resolveu aderir e passou a escandalizar o burguês, a fazer espetáculos em que atôres com gestos e palavras chocam a platéia, ensaboam-se com miúdos de frango, e cantores proclamam a inutilidade de qualquer ação".

A segunda linha, prossegue Boal, seria a do retorno ao naturalismo compungido: mostrar a miséria do povo lamentativamente, isto é, aceitando que exista como existe, chorando sem nenhuma tentativa de mostrar as mudanças possíveis e necessárias". E conclui: "Uma terceira linha surge agora: tem sua origem também na esquerda..."

TEATRO: BRASIL NO PALCO

Agora é preciso "transformar o palco em um tribunal onde todas as idéias serão julgadas e todos os caminhos analisados e onde se deverá procurar as melhores soluções para o impasse em que está a arte brasileira".

A uma pergunta sobre "o maior autor teatral brasileiro", Boal apenas responde: "Autor teatral não é cavalo de corrida; ninguém chega em primeiro lugar".

No teatro atual, o palavrão até parece uma necessidade. Boal, porém, acha que "depende". Ou melhor, responde perguntando: "o palavrão é necessário quando se martela o dedo em lugar do prego?"

Ele afirma que a Igreja "tem estado ausente" do teatro. Mas, faz notar que "no Nordeste, a Igreja tem dado grande apoio aos movimentos teatrais. Ao Arena, pelo menos, sempre o deu em todas as suas excursões".

Sem dúvida, o teatro é um reconhecido veículo de comunicação com o povo, e, neste sentido, Boal diz que a Igreja deveria servir-se dele "da mesma maneira — quanto à forma — como o usava na Idade Média". Mas esclarece logo: "Quanto ao conteúdo, deve ficar mais ao lado de João XXIII, pois os tempos mudaram".

êle não é cavalo de corrida



um brasileiro que acredita no homem

Gerhardt foi a grande revelação como autor teatral no ano que passou. "Um brasileiro que acredita no ser humano" — é assim que Alfredo Gerhardt se define. A Assembléia que constituiu o júri do I Seminário de Dramaturgia Nacional classificou-o em primeiro lugar, e os críticos consideraram sua peça *Xadrez Especial* como das melhores e mais importantes das concorrentes.

"*Xadrez Especial* é uma experiência que ousou chamar de estética", afirma Gerhardt. Nela retrato em forma de teatro certos aspectos de acontecimentos reais de uma época que, me parece, não deve ficar esquecida. Foi escrita para os que têm pouca memória".

Gerhardt foi violentamente atingido pelos acontecimentos político-militares de abril de 64. Foi prêsso e exilou-se no exterior. De volta ao Brasil, resolveu escrever. "Para poder comer", disse êle.

Seu teatro, como todo o teatro nôvo do Brasil, é, como êle prefere classificar, de "estrutura e de participação. Participação do autor, pois êste não deixa que o espectador se iluda e fique hipnotizado pelo que vê no palco. Participação do ator, uma vez que não é o personagem mas apenas o *representa*. Por fim, participação do espectador, que deve ter a consciência de que está assistindo à representação de um fato, que lhe dá a oportunidade de uma atitude crítica frente ao que lhe é apresentado".

Alfredo Gerhardt considera o teatro como uma saída para a sua necessidade de comunicação e afirma que o analfabetismo nacional originando pequenas platéias é o grande problema com que se defronta o teatro no Brasil.

Tem 51 anos. É daqueles que podem ser arrolados entre os jovens de espírito. É jornalista em exercício, economista desempregado e pretende continuar escrevendo.



a vida

O teatro brasileiro vem se mostrando um poderoso instrumento de compreensão e crítica da realidade. Com maior dinamismo, talvez, que o próprio cinema. Isto exige que se lhe preste a máxima atenção e que se procure compreender os problemas e tarefas que nos aponta.

Quando um autor como Plínio Marcos é acusado de "criar casos", está simplesmente chamando a atenção para um aspecto do problema do nosso homem hoje. Quando Oduvaldo Viana fala da necessidade "de desmontar a realidade", êle fala da necessidade de buscar para cada problema uma solução verdadeira; condena a confiança inativa. E

Alfredo Gerhardt quando se define como "um brasileiro que acredita no homem", aponta o caminho.

Boal, de sua parte, quer uma Igreja mais na linha de João XXIII, isto é, mais presente no mundo, "uma vez que os tempos mudaram". Com isto, sem dúvida, ninguém quer que Igreja banque o cavalo de corrida, atrás do primeiro lugar. Passou o tempo do triunfalismo. O que se quer, agora, depende dos autores, atôres e espectadores: com ou sem palavrão, a promoção do homem concreto. Êste homem que Deus quer salvar.



um estudante fala sôbre vestibular

NOS últimos dez anos, ocorreu uma grande expansão do ensino secundário em nosso País. O número de ginásios, colégios, escolas técnicas, bem como o de alunos matriculados, elevou-se continuamente.

Esse aumento de forma alguma resolveu os nossos problemas educacionais. Sômente 9,5 por cento dos que ingressam na escola primária chegam ao ginásio, reduzindo-se a 3,5 por cento os que atingem o científico ou clássico. É que o aumento foi insuficiente, tendo sido amplamente compensado pelo crescimento demográfico e pela transferência acentuada dos jovens, do campo para a cidade.

UM ESTUDANTE FALA SOBRE VESTIBULAR

não adianta matricular sem dar condições para um verdadeiro curso

O currículo e a qualidade do ensino ministrado a esses alunos não merecem louvores. Os programas, de modo geral, não correspondem às necessidades dos alunos e do País. Como resultado, forma-se anualmente um numeroso contingente de alunos com "preparo acadêmico", sem qualquer qualificação profissional,

teoricamente aptos, apenas, a continuar os estudos em uma faculdade. Engrossando o contingente, um número cada vez maior de espeluncas, autênticas casas de comércio, vendem diplomas, a preços acessíveis, auxiliados em sua tarefa pelos cursinhos preparatórios ao Artigo 99 (ex-91).

Mas as vagas, na Universidade, são poucas. Não aumentaram no mesmo ritmo do crescimento do número de acadêmicos. De ano para ano, os exames de habilitação às faculdades são mais concorridos, e mais difícil é a aprovação. Para compensar as deficiências do ensino secundário, os estudantes são obrigados a recorrer a cursos pré-vestibulares, tentando conseguir preparação para a maratona em que se converteu o vestibular. Esses cursos (só na Guanabara existem mais de sessenta) cobram mensalidades altas, oscilantes em 1967 entre cinquenta e cento e cinquenta cruzeiros novos. Dêles saíram os milhares de candidatos aos exames deste ano. Em alguns setores (Medicina, Engenharia, Química, Economia etc.) a relação candidatos-vagas foi de 11 para 1.

Sem dúvida, a expansão do ensino superior é uma necessidade. Todavia, não se pode pensar em resolver o problema educacional sem levar em conta o problema global do subdesenvolvimento.

O número de pessoas com instrução superior é determinado, primordialmente, pelas possibilidades e necessidades da estrutura econômico-social da nação, e o estudo do desenvolvimento da cultura é inseparável do estudo das perspectivas da economia.

Temos de considerar se o nível de formação de pessoal qualificado, atualmente, corresponde ou não aos objetivos do desenvolvimento nacional, e que tipo e ritmo de desenvolvimento.

Além da formação de técnicos de nível médio, "aplicadores-de-técnicas", precisamos formar técnicos de nível superior que sejam os nossos "criadores-de-técnica". Isso sob pena de continuarmos dependentes da pesquisa estrangeira. Ademais, existe um esforço para reduzir ao mínimo a participação do Estado na formação do pessoal de nível superior, existe a preocupação de "privatizar", sobretudo, as faculdades.

Na raiz de estrangulamento da pirâmide educacional, verificada nos vestibulares, está a opção pela dependência, a renúncia a um desenvolvimento autônomo. É isso que explica o agravamento da crise da Universidade brasileira e uma de suas expressões mais dramáticas — o problema de vestibulares e excedentes.

Para aumentar as vagas na Universidade, o Governo precisaria realizar uma política a longo prazo de formação de professores, de quadros auxiliares, de edificação de escolas, de equipamento para elas. Ao mesmo tempo, teria que proporcionar aos professores reais condições de trabalho e aumentar-lhes os vencimentos. Em vez disso, que vemos?

A partir de todo um planejamento que visa a transformação das universidades em fundações privadas, o Governo vem reduzindo as verbas destinadas à educação e procurando implantar as

não há milagres para o problema educacional; as soluções têm que ser globais

anuidades. Nada de preocupação com a fixação e formação de mestres. O orçamento de 1963 destinava 19 por cento à educação. Esse percentual se reduziu, em 1967, a 6,3 por cento. Além de reduzidas, as verbas recebem cortes inesperados. A crescente pressão de massas de alunos aptos a frequentar a Universidade, expressa no movimento de excedentes e vestibulandos, tem obrigado o Governo a voltar as suas vistas para alguns aspectos da crise. Quando centenas e centenas de

estudantes aprovados e não aproveitados saem às ruas para exigir seus direitos, o Governo escolhe a mais explosiva das soluções: manda matriculá-los, sem prover às condições necessárias para que tenham um verdadeiro curso. Assim, surgem as turmas *Castelo, Iolanda, Costa*.

A solução radical dos problemas da Universidade brasileira está ligada aos outros problemas do povo. No âmbito específico da Universidade, uma autêntica reforma exige, por exemplo, a gratuidade do ensino superior, como premissa para o acesso de alunos de todas as camadas da população ao ensino superior. Esta reforma teria que possibilitar uma mudança na mentalidade dos quadros intelectuais e científicos do País. Isso exige verbas maiores para a pesquisa e salários compensadores para os mestres. A reforma deverá equacionar e encaminhar a solução de todos os problemas universitários, inclusive o de excedentes.

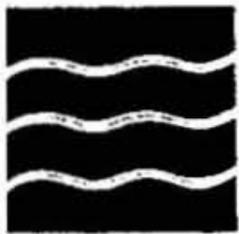
Mas uma iniciativa dessa natureza está longe de poder ser realizada isoladamente. É necessário pensar qual o mercado de trabalho que absorveria esses milhares de profissionais, formados anualmente. Só uma economia em rápida expansão asseguraria o pleno emprego desses técnicos. A reforma universitária faz parte do quadro de profundas transformações necessárias ao País.

Enquanto isso, os que integram a Universidade, bem como alunos e professores do curso secundário, dirigem sua luta no sentido de obter a revolução da política educacional do Governo, exigem mais verbas para o ensino e melhores salários. Lutam contra a desna-



cionalização, a elitização, a exportação de cérebros.

Únicamente a luta pela renovação das faculdades, indissolúvelmente ligada à luta para imprimir um novo curso ao desenvolvimento da economia nacional, será capaz de extinguir o vestibular, enquanto ponto de estrangulamento da educação brasileira, será capaz de proporcionar mais vagas e acesso à cultura a todas as camadas da população.



**ARTES
E TÉCNICAS**

PERSONA

O 27º filme de Ingmar Bergman apresenta-nos uma atriz de teatro muito admirada por todos, sofrendo de uma doença mental que a mantém muda por longo tempo. Efeito psicológico, ou defeito físico? Não importa. Provavelmente ela sucumbiu à mentira existencial. Algumas imagens de morte e de destruição sugerem isto: nazistas, Vietname, o marido do qual se separou, o filho franzino (aleijado?) sobretudo estão na base do seu colapso psíquico. O último é apresentado como morto, depois vivo procurando aproximação com a imagem vaga de sua mãe. A atriz parte com sua enfermeira para um bangalô perto do mar, continuando seu silêncio. A única palavra que ela consegue pronunciar ao longo de todo o filme é: *nada!* Entre ambas nasce uma grande afeição, que mais tarde se transforma em ódio. Não admite o lesbianismo que os comercializadores do filme sugerem pelo título em português. A carne e o sexo estão longe do filme, que mostra um processo psicológico de identificação de uma e de outra.

Mais uma vez I. B. surpreende o espectador com o que ele mesmo chama "Opus 27, um jogo musical para dois instrumentos". Esses dois instrumentos são a atriz e sua enfermeira, são o cinema e as máscaras das mesmas. É uma verdadeira *masquerade* que o cineasta nos apresenta, tão cara a ele desde menino, quando brincava com marionetes, com a câmara escura, e mais tarde com um pequeno projetor e alguns filmezinhos que não cansava de repetir. Destaca bem que deseja fazer seu jogo com o *medium* filme, pelo achado estupendo no início, os dois carvões incandescentes que se aproximam, o carretel, a saída do filme com os números etc., os quais são ao mesmo tempo símbolos das personagens que em determinado momento se rebelam uma contra a outra (queima do filme!) e que se separam como as imagens finais, quando o filme sai da grifa e termina.

Jean Louis Comolli disse que se sentiu transparente diante da tela. O que na realidade acontece atrás das costas do especta-

dor na cabina de projeção, é o que vê na tela: "Le film et nous sommes transparents, fantômes" (*Cahiers du Cinéma*, nº 188, p. 20).

Ingmar Bergman sempre foi apaixonado pelas máscaras. Nos seus filmes podemos observar rostos que se tornam máscaras que ele deslocou, movimentou, sobrepõe, como os antigos gregos as usavam — máscaras que riem, que choram... *Persona* é o aperfeiçoamento extremo desse jogo com as máscaras das duas atrizes Bibi Anderson e Liv Ullmann, que muito se assemelham.

Conhecendo a obra de Ingmar na sua totalidade, ouvindo-o uma vez na TV européia e conversando com um amigo íntimo dele, procuro sempre colocar um novo filme de I. B. no contexto de sua obra. Penso ter encontrado um elo entre os filmes *O Rosto* e *O Silêncio*. No primeiro, ele joga com a máscara do Dr. Vogler (a atriz chama-se Vogler também!) e seu "discípulo", que é sua mulher transvestida, mais os outros personagens com suas máscaras na vida "oficial", as quais o Dr. Vogler deseja tirar. No conteúdo, po-



rém, existe uma ligação mais íntima com *O Silêncio*. I. B. deixou, por assim dizer, Ester, a mulher que terá de arrastar a sua solidão até o fim. Qual a possibilidade de Ester sair do seu isolamento? Quem a tira do seu sofrimento? Talvez alguém que lhe é parecido interior e exteriormente. Alguém que se dispõe a identificar-se com ela, a fazer um gesto de extrema humanidade, em que o doador leva o prejuízo e o que recebe, tem uma chance de recuperar-se.

Isto me parece o tema principal do filme. Pensei na possibilidade de ver as duas mulheres como uma personalidade só lutando com o clássico bem e mal que se disputam em cada ser humano. Mas não, não pode. As duas mulheres são definitivamente separadas. Uma que deixa a luta depois de um matrimônio fracassado, outra que é noiva desejando casar-se e formar um lar. A enfermeira admira a senhora Vogler como atriz. Na necessidade de romper o seu silêncio pelo falar, ela descobre sua vontade de identificar-se cada vez mais

com sua paciente. A situação para a enfermeira redonda finalmente numa autopsicanálise, que deixa a mulher silenciosa viver várias situações. O espectador nunca sabe bem se se trata de conflitos reais ou de sonhos e quimeras de uma das duas mulheres. É um jôgo fascinante em que se fazem perguntas sobre a responsabilidade, honestidade, o dom de si mesmo, o amor, a paixão. Tudo permanece, porém, numa atmosfera crepuscular. Duas vezes a enfermeira se torna paciente da senhora Vogler. A primeira encarna a atriz, quando esta se encontra pela última vez com o marido. A segunda é quando a enfermeira faz uma confissão de coisas que só a ela, à atriz, aconteceram: ódio ao filho que ela não quis, a sua compleição franzina que a decepcionou. É a seqüência mais compungente do filme, que I. B. repete duas vezes, ora perscrutando com a câmara o rosto da atriz, ora apresentando o rosto da enfermeira em primeiro plano, deslocando, cobrindo e substituindo as máscaras das duas. Aqui se sente algo de de-

moníaco, em que dois seres humanos são os carrascos um do outro. (Veremos êsses demônios, na realidade, em breve. O roteiro do seu filme *Demônios* já está pronto, enquanto segue rodando *Skammenn — Vergonha*).

Quando a enfermeira se opõe contra a entrega e a possessão de sua personalidade pela outra, as mulheres se engalfinham. A atriz se revela um vampiro, sugando sangue. I. B. pode impunemente apresentar isto e continuar evocando espíritos.

Com meu conhecimento de Bergman, porém, ainda não sei resolver minha dúvida: É ele sincero, e toma-se a sério a si mesmo? Ou é um impostor que vive pela graça de não resolver nunca coisa nenhuma? É tudo enigma, como um crime para Hitchcock?...

GUIDO LOGGER

MENSAGEM BELA E TERRÍVEL

UM MONSTRO DEVORADOR DO HOMEM

PLÁSTICOS COLORIDOS

LUZES MOVENTES

METAIS RETORCIDOS

ANÚNCIOS DE ESTRADAS

MOVIMENTOS DESENCONTRADOS

SONS MECÂNICOS RÁPIDOS

DE UMA REGULARIDADE TERRIFICANTE

A BIENAL FOI UM GRITO DE ALARME



COMPARANDO esta última Bienal que tivemos ocasião de visitar em São Paulo com as anteriores, percebemos ao mesmo tempo uma continuidade, em termos de qualidade, assim como uma transformação notável quanto ao tipo de obras apresentadas.

A Bienal vinha mudando gradativamente em seu aspecto geral e naquilo mesmo que ela significava, mudança progressiva que, se bem que não possamos dizer que tenha atingido finalmente uma estabilidade, chegou, ao menos, a substituir sua fisionomia geral, seu caráter dominante.

Quem diria em 1951-53, ou mesmo 1961-63, o que seria a Bienal atual? Onde estão os salões dedicados aos grandes artistas europeus, asiáticos e mesmo americanos, que eram a nota marcante, o motivo principal das visitas às Bienais? Onde estão os Van Gogh, Mondrian, Portinari, Lazar Segall, Kandinsky, Kokochka, Bissier, Orozco, que valiam de si várias visitas à imensa exposição? Se há, atualmente, nomes conhecidos, artistas célebres, não são suas salas especiais que atraem os visitantes.

A Bienal não é mais um substitutivo dos museus europeus e norte-americanos no Brasil, mas uma ocasião de vermos sobretudo o que artistas, jovens ou maduros, produzem atualmente, expressando, criticando, exaltando o mundo presente, as últimas aquisições da técnica e da ciência. Esses artistas, na sua maior parte, acusam mesmo a ambigüidade e o terrível das relações humanas

atuais, o universo fantástico, belo ou horrível, terrível, caótico muitas vezes, em sua ordenação inflexível, em que vive o homem de nossas nações civilizadas e que, no meio e diante do qual, o artista lança um grito feito de angústia, admiração e protesto.

Quando no meio a esta angústia e a essas exclamações encontramos expressões calmas, laboriosas de uma arte concreta ou quase sublime como a do *stand* da Holanda ou a de Smith, na Inglaterra, o choque que sentimos é tão grande que mal podemos perceber todo o valor, toda a beleza que esta arte encerra, toda a mensagem que ela pode nos trazer.

Não é só o Brasil, mas a Argentina, sobretudo com Le Parc, os Estados Unidos, a própria Polônia e talvez mesmo a Iugoslávia, assim como a Espanha, a Bélgica, a Itália, a França, que nos trazem essa mensagem bela e terrível de angústia. A máquina, fruto da inteligência, da engenhosidade, do labor e da criatividade humana, pode tornar-se um monstro devorador do homem.

A consciência infeliz reconhece as cadeias que a prendem e das quais, incapaz de se libertar, acusa o pesado jugo.

Erotismo, violência, máquinas inexoráveis em seu funcionamento, geradores de opressão, de morte, são conjugados na atual arte de protesto, predominante nesta última Bienal. Temos, no *stand* da França, Einstein com os olhos vendados; a maçã primi-

tiva acorrentada à máquina; a torre branca, com luzes vermelhas, que guarda, para quem nela subir, a faca da morte: quem galgar a torre da civilização encontrará o instrumento de morte que, lá em cima, será certamente necessário, ou, ao menos, desejado. Todo este *stand* é ascético, branco e rubro, só a máquina e a morte têm aí lugar. O homem livre, criado por Deus, certamente destoaria nesse ambiente. Aí o homem é sujeira, é rejeitado, deve ser eliminado como indesejável, ele está na pá de lixo colocada à porta: dentro de uma pá de lixo, igualmente branca, encontra-se a reprodução do homem ao ser criado por Deus de Miguel Ângelo.

Mais sutil, mas, a nosso ver, muito mais veemente, é o protesto expresso por Júlio Le Parc, no *stand* argentino. Uma sala de luzes, movimentos, sons. Nada é aí diretamente figurativo; tudo, a uma primeira vista, é pura pesquisa cinética. Na realidade, aquela sala nos envolve num clima opressor e desagregador. Um ritmo terrível, desumano, penetra todo o ambiente. As máquinas funcionam, faixas metálicas se contorcem sob a luz dos refletores. Sons estranhos, mecânicos, rápidos e de uma regularidade terrificante ferem nossos ouvidos, enquanto lâmpadas incessantemente acendem-se e apagam-se. Uma inteligência, individual ou coletiva, dirige aquela sala num refinamento de perversidade.

A sala de Júlio Le Parc parece-nos a expressão da sala de tor-

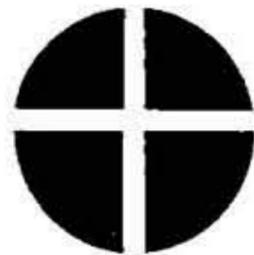
tura, da qual muitos homens atualmente têm a experiência e da qual igualmente nós, de modo difuso, sempre experimentamos algo, enquanto o mundo de nossos dias nada mais é que a imensa ampliação dessa sala.

O *stand* dos Estados Unidos, desde o seu imenso painel de entrada, é, na maior parte de suas obras, um protesto, uma crítica amarga a sua própria sociedade: o luxo frio do quarto de dormir, o drama da estrela do cinema, o vazio, a falsidade da família e da prosperidade americanas — *US eat-US die* (EUA comem-EUA morrem).

O valor artístico de muitas obras é discutível, mas o nível geral desta Bienal foi bastante alto. Olhos formados na arte tradicional ficariam provavelmente escandalizados nessa profusão feérica de plásticos coloridos, de luzes moventes, de metais retorcidos, de figuras tiradas de anúncios de estrada ou de estórias em quadrinhos, de ruídos estranhos, de movimentos descontraídos. Não podemos, no entanto, negar que uma sensibilidade jovem e, muitas vezes, ferida expressou-se com vigor ou delicadeza admiráveis.

É a arte de um mundo novo que comunica o que esses representantes talvez mais lúcidos, portanto um pouco marginalizados, do povo vivem e sentem na existência comum a todos nós.

LAURO FREDERICO B. DA
SILVEIRA



IGREJA NO MUNDO



Análise de uma reforma

A "corajosa reorganização" da Cúria Romana, que é o instrumento de que se serve o Papa como Pastor da Igreja, não consistiu e nem consiste numa "ruptura com a sua tradição naquilo que ela tem de essencial". A meta desta "corajosa reorganização" foi despir a Cúria "de toda e qualquer manifestação caduca e defeituosa". Com esse esforço espera-se que ela se transforme numa realidade "mais genuína", em outras palavras, mais na linha da universalidade. Com efeito, "hoje mais que nunca os problemas da Igreja são de alcance universal, e para resolvê-los de modo conveniente é necessária uma disposição de ânimo, de abertura intelectual e de experiência prática verdadeiramente universal" (Paulo VI, *Motu Proprio Pro Comperto Sane*).

Primeiro, da parte do Papa houve palavras, por assim dizer, de alerta. Em junho de 1963 (antes da segunda Sessão do Concílio), em resumo o Papa dizia o seguinte: como toda sociedade humana, a Cúria precisa renovar-se; seus membros devem permanecer atentos aos apelos do Episcopado mundial e ser os primeiros a desejar a renovação.

Depois, aos poucos, vieram as mudanças, não só quanto aos nomes das várias Congregações (exprimindo melhor os novos objetivos), não só quanto às pessoas que as integravam, mas também quanto à própria constituição da Cúria dentro de uma nova visão de Igreja.

Assim, ressaltamos os seguintes aspectos:

- Inserção dos bispos como membros das reuniões plenárias das Sagradas Congregações para tratar os problemas de maior importância e de âmbito mais geral;

- Espírito evangélico, integridade de vida, absoluto desinteresse, competência profissional e empenho no trabalho são as qualidades requeridas nos membros e oficiais da Cúria;

- O trabalho na Cúria passa a ser considerado um *serviço* e deixa de ser uma *carreira* para subir a graus superiores;

- Neste sentido, a função dos diversos membros que integram a Cúria terá duração temporária, a fim de que forças mais jovens e de mentalidade mais aberta se revezem na delicada e difícil tarefa de dirigir tão importantes organismos;

- Ligação mais estreita entre a Cúria e os bispos diocesanos, especialmente através das Conferências episcopais.

Muitos comentaristas, através da imprensa, têm se limitado a sublinhar aspectos secundários da "reorganização". Insistem, talvez demasiado, em análises do caráter, da formação e da personalidade dos membros antigos ou novos.

Todavia, "para se avaliar em seus justos limites os recentes acontecimentos na Cúria Romana é necessário situá-los no *exato contexto histórico pós-conciliar*": a Cúria deverá ser instrumento de uma Igreja menos jurídica e mais pastoral — "não somos domadores, mas pastores", disseram alguns bispos, — menos *gueto* e mais aberta, mais na linha da universalidade. O Cardeal Seper, substituto do Cardeal Ottaviani na pró-Prefeitura da Congregação para a Doutrina da Fé, a 9 de outubro de 1963, declarava na aula conciliar: "O Concílio reuniu-se para abrir as portas, não para fechá-las ou para dizer *amen* ao *status quo*".

Basta!

"Este é o momento de acabar com o conflito", afirmam os bispos do Vietname do Sul, sugerindo que "o Vietname do Norte e o Vietname do Sul devem unir-se, falar e iniciar negociações". Para muitos observadores, trata-se de uma atitude insólita, vez que o Episcopado do Vietname do Sul parecia estar apoiando a posição





dos Estados Unidos. "Em nome de Deus gritamos: basta!", dizem os bispos. Segundo os observadores, a tomada de posição por parte dos bispos seria fruto de gestões feitas pelo Vaticano, por determinação de Paulo VI. O documento episcopal indica o caminho para a saída: que os Estados Unidos suspendam os bombardeios no Vietname do Norte e que este, por sua vez, suspenda as infiltrações no Vietname do Sul.

Por outro lado, informam as agências internacionais que 94% dos estudantes da Universidade de Harvard (dos padres jesuítas) condenam a política do governo Lindon Johnson no Vietname. Se fôsse para escolher entre ir ao Vietname ou ser expatriado, 59% dos mesmos estudantes preferia a segunda alternativa.

Agiotagem?

É o que afirmaram alguns jornais de menor gabarito, referindo-se ao dinheiro perdido por alguns bispos que se haviam associado com um comerciante no Nordeste. Em nota divulgada pela imprensa, os bispos envolvidos no assunto e outros prelados da região negam que tenha havido agiotagem. O que houve, segundo a nota, foram alguns investimentos mal feitos e o abuso, por parte de certa imprensa, de um fato corriqueiro, para tentar desmoralizar as atividades de cunho social da Igreja. A grande imprensa do País preferiu narrar os poucos fatos que existem sobre o caso, sem emitir juízos. Sinal de que, aos poucos, vai surgindo uma imprensa adulta no Brasil. Quem é que nunca perdeu dinheiro em um negócio mal feito? A pergunta que permanece sem ser respondida é outra: como foi que quem assessora as finanças nas dioceses em questão não desconfiou de um negócio que estaria dando lucros mensais da ordem de 10% sobre o capital investido?

Um encontro em Guaxupé

A Equipe Diocesana de Catequese da diocese de Guaxupé realizou, há pouco tempo, um encontro ao qual estiveram presentes cinquenta representantes de quatorze colégios daquela diocese. O relatório do encontro, refletindo intensa participação, foge ao abstrato e apresenta depoimentos vivos de jovens, de casais e de professores leigos não comprometidos diretamente com o ensino religioso. Os participantes lembraram que "os colégios, pelo que se pode deduzir do sistema de seleção dos alunos, reúnem uma determinada classe social — a burguesia — que, na maioria das vezes, não se interessa pela formação cristã e, sim, pela cultura geral. Ou, quando muito, nêles busca um ambiente "moralizante" que previna ou concerte as crises de revolta e indisciplina dos jovens"...

Face a esta colocação do problema, perguntam: "será que o colégio católico não perdeu a sua finalidade?"

Uma assembléia e suas pistas

Aumenta sempre mais o número das pessoas que abrem os olhos para ver "os sinais dos tempos" e responder ao apêlo de Deus em favor dos homens. A próxima Assembléia da CRB (22-26 de julho) colocará em comum as reflexões de todos os religiosos do Brasil sobre quatro aspectos fundamentais dêste apêlo: missão no mundo, pastoral para o desenvolvimento, vida fraterna, vocação e formação.

Missão no mundo

A palavra *mundo*, que muitas vezes serviu para indicar uma das causas responsáveis pela infelicidade dos homens, serviu também para dar, de reboque, uma visão falsa do universo criado por Deus. Fugindo a esta conceituação negativa, o esquema



da Assembléia encara o *mundo* como uma "revelação de Deus".

Com respeito ao problema da presença no mundo, uma pergunta deverá ser feita: a presença e a ação da Igreja podem limitar-se a uma determinada classe? Não deverá ser, a promoção dos pobres, a maior preocupação da Igreja?

A Igreja precisa estar presente no mundo, e a vida religiosa deve ser uma das formas desta presença. Nesta perspectiva, serão tratados os assuntos relativos ao serviço do homem e à santidade como realização do homem (valôres).

O estudo que versará sobre "o mundo de hoje em vias de secularização", seguirá três itens: relatividade das formas, valor da pessoa humana e tendência para a *socialização*.

Pastoral para o desenvolvimento

Uma análise detalhada da missão da Igreja no mundo faz sentir a gravidade do problema do desenvolvimento: é possível ser fiel ao Evangelho sem se preocupar com o problema do desenvolvimento no Brasil?

IGREJA NO MUNDO

É necessária uma "integração das comunidades religiosas na ação conjunta da pastoral", e sempre na perspectiva do desenvolvimento pleno do homem, uma vez que nisso está o sentido exato da pastoral.

Vida fraterna

Há um problema muito sério no que diz respeito à vida interna das comunidades: ou estas se abrem para o povo, para o mundo, ou então se transformam numa soma de egoísmo que constitui um dos maiores contratempos ainda do nosso tempo.

É preciso buscar sempre o verdadeiro "sentido da fraternidade evangélica". O Evangelho não destrói o amor humano, mas o assume e diviniza. É preciso encontrar o sentido autêntico da pobreza, da castidade e da obediência. Pobreza, por exemplo, é sacrificar a posse dos bens materiais, ou é partilhar dos bens e da condição de vida do povo pobre?

Por trás do esquema existe um profundo questionamento sobre a vida comunitária: esta é um valor, mas um valor a serviço da pessoa, "em função da missão". Daí a "flexibilidade das estruturas comunitárias" e a necessidade da "integração dos religiosos na vida secular".

Vocação e formação

As questões levantadas pelos três temas anteriores servem, por assim dizer, de ponto de partida para novas indagações, mas agora sobre a realidade da vocação e da formação.

Vocação e formação não constituem duas linhas paralelas, mas tão-somente uma. Esta, sim, é que apresenta duas etapas, ou melhor, dois tempos que continuamente se alternam. Sob este aspecto, talvez se possa aprofundar bem a expressão da *Populorum Progressio*: "toda a vida é uma vocação".

O tema da vocação será abordado não como coisa abstrata mas como realidade integrada na vocação concreta do homem. A vocação religiosa, e conseqüentemente a formação religiosa, serão estudadas no seu caráter eclesial, isto é, como realidades abertas e sujeitas aos condicionamentos sociais, culturais e psíquicos.



Cardeal Alfrink

Conselho Pastoral da Holanda

A 5 de janeiro, o Conselho Nacional de Pastoral da Holanda, do qual participam todos os bispos do país, votou unanimemente em favor da ordenação de homens casados e da autorização para que os padres que se casaram possam voltar a exercer trabalho pastoral. Um grupo sugeriu que se formasse uma comissão para explicar diretamente em Roma as atitudes da Igreja na Holanda. A sugestão foi rejeitada por influência do Cardeal Alfrink. No fim da reunião o Cardeal, que falava em nome de todos os bispos, disse que a mesma não podia ser considerada como um parlamento que elabora decisões que os bispos devem executar. "Mas espero que o Conselho Holandês de Pastoral — frisou — encontre conclusões que a Jerarquia possa vir a endossar com prazer". Alfrink disse, ainda, que a Igreja na Holanda não tem nada contra ninguém, se sente unida ao Papa e quer apenas procurar novos caminhos para a solução dos problemas pastorais. Do Conselho participam 168 pessoas, entre as quais todos os bis-

pos do país e 64 leigos. Em abril o Conselho volta a se reunir para estudar os problemas relacionados com as missões e com a ajuda aos países subdesenvolvidos.

Igreja no Brasil: uma orientação mais eficaz

Richard Shaull, teólogo protestante, professor do Seminário Teológico de Princeton, que viveu vários anos no Brasil e que foi um dos participantes do CICOP, afirmou que "se os EUA continuarem sua política atual, caminharemos diretamente para novos Vietnães na América Latina". Numa luta dessa natureza, acrescentou: "o poderio militar norte-americano seria usado contra latino-americanos que são representantes destacados de uma nova geração de cristãos dispostos a sacrificar suas vidas para edificar uma nova ordem social". Dr. Shaull falou na reunião do CICOP sobre as causas e os efeitos das tensões interamericanas.

Enquanto isso, no Brasil, pesquisa do IBOPE demonstra que dos entrevistados, 80 por cento considera a nova orientação da Igreja como a mais eficaz para superar o comunismo, e 9 por cento, apenas, a considera uma aproximação do comunismo.

Encíclica «subversiva»

Com a anotação "não autorizado na Tchecoslováquia", estão sendo devolvidos para a Cáritas Internacional, em Viena, os exemplares da *Populorum Progressio* enviados por correio. Parecida com esta foi a reação do Presidente da Câmara de Comércio e Indústria de Baden-Baden (Alemanha Ocidental), Sr. H. C. Fisher. Segundo o ilustre industrial, o Papa "está propagando a teoria marxista e está incitando os círculos econômicos a fazerem agitação". Como se vê, a subversão tem pernas compridas.

Programa Católico de Cooperação Interamericana (CICOP)

Em St. Louis (EUA) estiveram reunidos, recentemente, os participantes do CICOP num encontro em que problemas muito mais sérios que a simples ajuda foram levantados e discutidos.

O Padre Mejía, diretor de *Criterio* (Argentina), durante a conferência sobre "A cooperação mútua entre a Igreja e a Cultura na América Latina", declarou que a Igreja e a cultura estão "divorciadas". Acrescentou que "a consequência mais visível, e uma das mais graves, é que a cultura na América Latina alcançou seu amadurecimento atual fora da Igreja ou contra ela. A influência de Portugal e Espanha resultou na importação de uma cultura alienígena com efeitos contraproducentes, embora com alguns benefícios históricos: "Ninguém pode dizer que a situação foi totalmente desastrosa... Todavia, o problema é que esta cultura era muito mais espanhola e portuguesa que cristã". O Padre Mejía ressaltou que não é função da Igreja impor padrões culturais importados a país algum. Disse que estamos em tempos de "amadurecimento da liberdade" e não de "submissão e infantilismo". Os membros da Igreja têm que se converter em membros comprometidos com a sociedade secular em que vivem e, portanto, contribuir para sua cultura.

Frei enfrenta etapa decisiva

A carreira política de Eduardo Frei, no Chile, entrou agora em sua quarta e decisiva etapa. Frei começou como líder estudantil, conseguindo transformar o velho Partido Conservador Social Cristão em Partido Democrata Cris-

tão. Depois, foi eleito Presidente. Mais alguns meses, e Frei obtinha a maioria no Parlamento. Finalmente, em princípios de janeiro do corrente ano, veio a vitória sobre a oposição organizada dentro do próprio Partido, tendo o Presidente conseguido um voto de confiança durante a convenção nacional do Partido. Agora, chegou a hora de Eduardo Frei governar seu país e fazer as "reformas na liberdade" que ele vem apregoando desde sua juventude. Para isto o Presidente tem tempo até 1970. Frei e o Chile colocam uma das grandes perguntas da América Latina neste século.

Eduardo Frei



América Latina e reformas

"A relação entre a Igreja e o progresso temporal deriva, por um lado, dos deveres de justiça e caridade que movem os cristãos a querer o bem-estar material e espiritual dos seus semelhantes e, por outro lado, da convicção em todo aquele que tem fé, de que a história é o cenário no qual a vocação terrena da pessoa e da comunidade se realizam". Esta declaração foi

feita pelo Episcopado boliviano ao pedir "profundas transformações econômicas e sociais para o nosso país". Perguntam os bispos da Bolívia se "não parece um despropósito que na guerra do Vietname se gastem bens econômicos que seriam suficientes para libertar todos os povos do Terceiro Mundo, entre eles a Bolívia, da miséria que os oprime?"

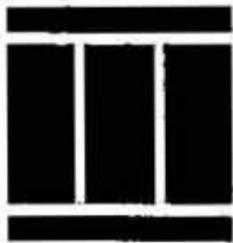
Baseado nesta necessidade de "profundas transformações econômicas e sociais" na América Latina, Dom Pablo Muñoz Vega, Presidente dos Bispos do Peru, tomou as primeiras medidas para que a reforma agrária, em terras de propriedade da Igreja naquele país, possa ser levada a efeito com todos os requisitos exigidos do ponto-de-vista técnico. O BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) deu apoio total a este plano.

Secularização à luz do Evangelho

Especialistas de diferentes Igrejas reuniram-se na Universidade de Notre Dame (EUA) para discutir a relação entre o processo de secularização e o cristianismo.

O teólogo Schillebeeckx participou do colóquio. A visão cristã do homem secular proposta por Frei Schillebeeckx foi bem aceita por todos os participantes. Ela oferece uma avaliação positiva dos elementos de crescimento, autonomia e responsabilidade contidos na secularização. Mas também insiste que no âmago de nossa experiência secular da existência deve haver uma referência interior a um mistério absoluto.

O simpósio de Notre Dame mostrou claramente a realidade e permanência do fenômeno de secularização e a necessidade de sua interpretação à luz do Evangelho.



ESTANTE DE LIVROS

um teólogo repensa a salvação



SCHILLEBEECKX, OP, E. —
Cristo, Sacramento do Encontro com Deus (Estudo Teológico sobre a Salvação mediante os Sacramentos), trad. da edição francesa por Rose Marie Muraro, Ed. Vozes, Petrópolis, 1967, 210 x 135, 232 pp.

Uma correta exposição da teologia dos sacramentos exige a elaboração de boa parte da teologia dogmática, tão entrosada se acham nela, sobretudo, a cristologia e a eclesiologia. Ímpar obreiro da renovação da teologia sacramentária, Édouard Henri Schillebeeckx não hesita em colocar seu estudo em amplas perspectivas, mesmo numa obra de vulgarização como o presente opúsculo. Com rara penetração e grande sentido tomista, o teólogo flamengo convida o leitor a repensar os quadros da salvação que levam à organização e à vida sacramental, como se exercem

e se perpetuam na Igreja Católica Romana. O sábio dominicano assimila para isso o positivo de muitas contribuições contemporâneas como a de D. O. Casel, expondo-as todavia de maneira simples.

Isto não quer dizer que o livro seja de leitura fácil; êle é exigente no fundo e de forma nem sempre atraente. Se há porém poucos leitores que não tenham muito a aprender nessas páginas, não há nenhum que não tenha ampla matéria para meditação.

Lastimamos que a edição brasileira não tenha reproduzido o excelente prefácio de D. A. Kerkoorde, OSB, a quem se deve a tradução francesa. Êle apresenta uma breve biografia do Padre Schillebeeckx com seus escritos que se impõem cada vez mais como uma das obras mais notáveis e probas da teologia católica do século XX. Espera-se o segundo volume de sua obra-mestra sobre a economia sacramental: *De sacramentele heilseconomie* (Anvers, 1952, 689 pp.).

Embora não se trate realmente de uma oposição com a obra conciliar, que o nosso autor antes preparou, sente-se porém que êsse livro foi escrito antes do Concílio (1957). Ainda que o assunto o convidasse para isso, tem-se dificuldade em imaginar que a Igreja de que se trata nos cinco primeiros capítulos (o tom é bem diferente depois, seja por exemplo p. 209), "o Corpo do Senhor sobre a terra", se prestasse a uma renovação: até sua corporeidade aparece como uma perfeição etérea de corpo celeste. Não se pode sem verdadeira confusão assimilar mais Cristo e a Igreja, e a aplicação da mesma expressão "sacramento primordial", feita de um lado a Cristo (veja-se p. 20) e de outro à Igreja (veja-se p. 60), nos parece contestável. Neste caminho da absolutização da Igreja institucional, o autor deve fazer proe-

zas para manter uma eclesiologia aberta à salvação dos infieis. Porém, depois de cinco capítulos de verdadeiro "estruturalismo teológico", E. H. S. nos reserva a surpresa de dois capítulos finais de um realismo concreto que não deixa nada a desejar. Receamos somente que o capítulo VI em particular não seja lido por muitas pessoas, às quais seria muito proveitoso, mas que arriscam a ser desencorajadas pelo rigor escolástico dos cinco capítulos precedentes.

Importante é a passagem que define a essência de um sacramento. "A essência de um sacramento não consiste, pois, nem na significação espiritual nem na forma exterior, mas no que significa de manifestação; em outras palavras, na medida em que se manifesta na forma litúrgica" (p. 97). Não sei se com esta tradução de R. M. M. se capta o sentido exato do texto francês que reza assim: "A essência de um sacramento não consiste, pois, nem na significação espiritual nem na forma exterior, mas na significação espiritual enquanto se manifesta na forma litúrgica" (edição francesa, p. 124). Consequência: "a forma exterior do ritual pode, nos limites da exteriorização de sentido imutável, sofrer toda espécie de variação e alternâncias".

Além do estudo da sacramentalidade propriamente cristã, acha-se aqui um estudo mais radical de religiosidade humana. Êle situa sua noção tão alto que define a religião como "essencialmente um diálogo de salvação entre o Deus vivo e o homem" (p. 9). "A religião ultrapassa todas as nossas forças humanas. É tão-somente pela graça que nos podemos tornar religiosos, e nunca por nosso próprio merecimento" (p. 10). Situar o religioso diretamente no teológico, hoje, não é banal. Por sua vez, o exercício do teológico situa-se no do-

minio religioso: de fato, Jesus tornou-se o Redentor pela e na realização livre de sua vida humana, em serviço religioso de seu Pai e em devotamento a êle" (p. 24). Os sacramentos exprimem em toda a sua força a religiosidade do cristianismo, uma religiosidade cuja relação com a angústia não se ignora aliás (p. 180). No meio dos diversos movimentos de secularização que nos rodeiam e desvalorizam a religião, êste aspecto do presente livro deve ser frisado. "A presença no mundo de um cristão como grande motivo de credibilidade da fé cristã é sempre uma presença a partir da redenção..." (p. 213). Depois desta redação, o autor revelou-se um autor dos mais lúcidos e dos mais justos sobre a secularização, cujo positivo tentou discernir do inaceitável. A nosso ver, êste livro já torna ilusória a idéia de uma fé católica vivida na Igreja de Cristo que não fôsse uma fé religiosa, encarnada em estruturas religiosas. Desejamos evidentemente que estas não venham a abafar a liberdade cristã e o dinamismo da fé num farisaísmo sempre ameaçador.

O sentido do respeito da verdade histórica e humana está muito desigualmente repartido entre os teólogos: regozijemo-nos por ver Schillebeeckx bem dotado aqui. "A instituição fundamental da Igreja, como sinal de salvação sacramental", sendo "o núcleo mais essencial" da constituição do organismo católico da sacramentalidade, o autor reconhece a possibilidade para um ou outro sacramento, em particular para o matrimônio, que esta instituição implícita tenha sido "a única manifestação da vontade de Cristo" (p. 119). Se Cristo tivesse instituído mais explicitamente o sacramento do matrimônio, como explicar o silêncio dos Evangelhos a êsse respeito? Os Apóstolos e os Evangelistas não teriam percebido a importância eclesial desta instituição sacramental; vale mais afastar esta hipótese, que não simplificaria a teologia dos sacramentos.

É verdade, o sacramento atual refere menos a Cristo do passado, cuja transcendência permi-

tiria atingir todos os tempos, do que a Cristo glorioso de hoje, que conserva na sua atualidade os efeitos de sua vida sobre a Terra (p. 68).

O autor tenta evitar todo exagero. "Não podemos, portanto, dizer, positivamente, que há crianças que morrem com o pecado original nem, tampouco, negá-lo" (p. 146). Mas "a sorte das crianças mortas sem batismo" (p. 146) corresponde no texto traduzido a "o destino das crianças... (le sort des enfants...)" (ed. fr., p. 177). Noutro ponto, um erro da tradução ou da impressão evitou uma frase infeliz do francês: "l'acte extérieur, qui de sa nature est un voile, est un signe de l'acte intérieur" (ed. fr., p. 238) tornou-se "o ato exterior, que por seu caráter velado é apenas um sinal do ato interior da pessoa" (p. 202). Mas sobra um "que" inútil. De qualquer maneira, o ato exterior é por natureza sinal e, só por acidente, um véu.

Sempre seguro, o Padre Schillebeeckx não é sempre convincente: querendo provar demais, demonstra às vezes muito pouco. Sobrestima talvez, como muitos outros teólogos, as possibilidades de formalização lógica das verdades religiosas. Alguns pontos obscuros e algumas impropriedades de expressão existem desde o texto francês, por exemplo "activité de signe" (ed. fr., p. 123), em vez de "função de sinal"; "função e carisma" (pp. 103 e 105) em vez de "função e santidade do ministro".

São pormenores insignificantes em comparação por exemplo com o esforço leal de compreensão do "valor religioso dos sacramentos nas Igrejas cristãs separadas" (pp. 188-200) com que faz justiça a nossos irmãos cristãos. Mas Schillebeeckx sai verdadeiramente da escolástica para atingir um cume quando fala no capítulo VI da necessidade de transformar a vida sacramental em testemunho de vida. "É necessário que a santidade da Igreja se torne realmente visível para os homens, e aqui se situa, em minha opinião, o nó da crise atual no apostolado católico. Muitos ho-

mens cansaram-se da Igreja, porque sua manifestação exterior é demasiado pobre... É típico ver no mundo ocidental, onde a Igreja está implantada há séculos, que a massa dos homens não percebe o seu testemunho. Êstes passam à margem do cristianismo... Nossa época não gosta do reclame e da supervalorização dos valores superiores. Os homens — tenhamos a coragem de dizê-lo cruamente — estão fartos das nossas pregações. Procuram uma força para suas vidas e um significado que lhes dê essa força. Só se podem fazer estimar os valores e a força superiores, tornando-os presentes pela ação. Os cristãos devem mostrar aos homens que o cristianismo é uma força que transforma a vida" (pp. 211-213).

HUBERT LEPARGNEUR

LEPP, Ignace — *Fraquezas da Cristandade* (Coleção Cairoscópio), trad. do original francês por Geraldo e Júlia Azevedo, 1967, 190 × 120, 264 pp.

Mais um livro dêste renomado pensador, convertido do marxismo e discípulo de Teilhard de Chardin.

Desta vez, trata-se de um diário, no qual o autor relata criticamente as suas experiências e decepções que lhe foram impostas, de 1941 a 1956, pelo mundo cristão, de cujas limitações a Igreja participa no seu doloroso esforço de renovação.

A crítica é feita a partir do desejo incontido de ver a fé adequada à realidade histórica com as exigências irredutíveis de um compromisso desinteressado. Mas a franqueza e a consequência na vida de fé ainda não são patrimônio comum entre os cristãos. Razão por que êste livro será recebido com reações opostas, forçando como que os leitores a revelar os seus sentimentos a respeito da sua concepção da *fidelidade* ao engajamento da fé. A

coragem, a lealdade e a visão ampla que formam o fio condutor deste livro parecem-me fazer eco da nova mentalidade dos cristãos formados pelo Concílio Vaticano II.

Em *Fraquezas da Cristandade* temos mais um instrumento para a nossa tão necessária renovação de mentalidades. Viva e pessoal como é a descrição dos fatos, a leitura deste livro se torna bastante agradável.

FREI CLAUDIO VAN BALEN

LOEW, Jacques — *O Evangelho e o Povo* (Missão operária), trad. do original francês por D. J. Lafayett, prefácio de Alceu A. Lima, 1967, 180 x 130, 132 pp.

Trata-se de um opúsculo que, segundo o próprio autor, "conta os primeiros passos da Igreja, lado a lado com o povo". Os primeiros passos ensaiados por Jacques Loew e seus companheiros da Missão Operária na tentativa de levar o Evangelho vivo para o meio das massas populares deram o conteúdo a este livro, pequeno, mas de grande valor. E, para nós brasileiros, de grande atualidade. No Brasil também "o que o povo pede à Igreja é o Evangelho, e ao padre, uma vida evangélica" (p. 94). Vida evangélica a ser vivida em verdadeira *comunidade de destino*, isto é, "convivendo com essas populações à maneira de missionários, em idênticas condições materiais, e na interdependência de situações — ser juntamente feliz ou desgraçado" (p. 95).

Livro a ser lido por todos os que tentam viver o Evangelho no meio dos homens, dentro de um espírito profundamente missionário.

FRANCISCO TEIXEIRA, O. CARM

Morte e Vida Severina

Li *Morte e Vida Severina* em Paris (abril de 1966), em edição popular. O grupo universitário de São Paulo — TUCA — representou, por aqueles dias, esse texto admirável no Odéon Théâtre de France, com um êxito verdadeiramente espetacular. Soube depois, através de meus companheiros de *foyer* (eu estava morando no moderno *foyer* dos Dominicanos, 43 rue de la Glacière, ao lado do velho Couvent de Saint Jacques, o convento de Leuret e Chenu), que a platéia aplaudiu de pé, apaixonadamente, os jovens brasileiros. Eu... não fui. Por quê? Por que não fui? Nem saberia dizer com precisão. Uma difusa angústia...

No dia seguinte, *Le Monde* consagrava a representação e o texto. Era a vida do Nordeste, era a miséria do Nordeste que, através dos moços de São Paulo, se comunicava ao mais exigente, ao mais requintado dos públicos: um texto regional com uma força universal. Que comunicação! Que autenticidade!

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 1920. E estreou em 1942. Desde essa estréia juvenil e sobretudo desde *O Engenheiro*, de 1945, a sua poesia caracterizou-se por um extremo despojamento formal. Uma sobriedade que era tipicamente de engenheiro. Ou de geômetra. João Cabral situava-se, na paisagem poética de sua geração, como um discípulo de Drummond e de Valéry. A vertente dos ascetas, dos angulosos, dos sóbrios, dos secos.

As grandes vozes da geração formalista de 1945 foram Ledo Ivo, com seu verbalismo de inspiração rimbaldiana e, pois, simbolista, e João Cabral, com seu geometrismo de tendência mallar-maica. O grupo pós-modernista que reagiu às facilidades ou aos cacoetes do modernismo intencional e polêmico, exerceria até uma profunda influência, no sentido da pesquisa formal, em poetas da geração anterior, como Drummond. Haja vista *O Claro Enigma*. João Cabral era, por exce-

lência, um drummondiano, como Bueno de Rivera, em Minas.

E foi então que lhe ocorreu a aventura da Espanha. O poeta, diplomata, foi servir em Barcelona. Esse contato, íntimo e prolongado, com o arquipélago espanhol, marcou-o. A Espanha fê-lo descobrir a terra. O engenheiro, literariamente, o discípulo de Valéry, voltou-se para o Nordeste. Primeiro, mais a terra — *O Rio*. Depois, mais o homem — o drama do homem nordestino. Tradição e região uniam-se. Esse encontro da tradição mais sutil — Mallarmé, Valéry — com a miséria do Nordeste, eis a plenitude da vocação do grande poeta. Ele se tornava um *geômetra engajado*.

Tradição e inovação. Não será este o segredo da maturidade? Um inovador com suas raízes plantadas no chão de um passado literário, cultural. E toda a longa linhagem dos telúricos, dos sociais, dos nordestinos, todas as vozes do ciclo do Nordeste — *O Quinze*, de Raquel, os poemas de Jorge de Lima, na sua fase popular, o canto de Ascenso Ferreira, *Os Corumbas*, de Amando Fontes, *Vidas Secas*, de Graciliano, *A Bagaceira*, de José Américo, e Rodolfo Teófilo, e Jorge Amado, e José Lins — como que se condensavam em *Morte e Vida Severina*, para exprimir, num só texto, breve, conciso, num só poema, num só impulso, a verdade que Euclides tentara captar e exprimir nos *Sertões*, de 1902: a terra e o homem.

João Cabral torna-se um revolucionário. Sua poesia tão pura, tão nobre, coloca-se no grande contexto dos inconformados, dos rebeldes, dos que não se quiseram submeter, dos que desejam servir ao povo e ao futuro: o grande contexto da literatura engajada da América Latina, um Miguel Angel Asturias, ou um Nicolás Guillén, ou um Pablo Neruda. Mais do que nunca, pode fazer dele o verso de Drummond: "ó vida futura, nós te criaremos".

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA